

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Bacharelado em Letras - Tradução Português e Italiano

Beatriz Giacomelli Kalife

**Tradução comentada do conto “Gaspere Puddu”, de Giovanni Maurandi:
uma representação da Itália através da tradução para o português brasileiro**

Porto Alegre

2023

Beatriz Giacomelli Kalife

Tradução comentada do conto “Gaspere Puddu”, de Giovanni Maurandi:
uma representação da Itália através da tradução para o português brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Letras - Tradução Português e Italiano do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Kalife, Beatriz Giacomelli

Tradução comentada do conto "Gaspere Puddu", de Giovanni Maurandi: uma representação da Itália através da tradução para o português brasileiro / Beatriz Giacomelli Kalife. -- 2023.

86 f.

Orientadora: Aline Fogaça.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e Italiano, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Literatura italiana. 2. Tradução comentada. 3. Giovanni Maurandi. 4. Estrangeirização. 5. Teoria da Enunciação. I. Fogaça, Aline, orient. II. Título.

Beatriz Giacomelli Kalife

Tradução comentada do conto “Gaspere Puddu”, de Giovanni Maurandi:
uma representação da Itália através da tradução para o português brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Letras - Tradução Português e Italiano do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva

Aprovada em: Porto Alegre, 28 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Mendonça Scheeren
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Gisele de Oliveira Bosquesi
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Às exploradoras e aos exploradores de línguas e literaturas: é aqui que nos conectamos e somos

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Patricia Lima, antes de tudo, que me proporcionou a descoberta de Giovanni Maurandi. Obrigada pelo auxílio e por toda a parceria durante esta etapa da minha vida. Agradeço pelas conversas sinceras, pelas leituras em voz alta, pelas críticas e pelos vinhos.

Agradeço ao Vicente, por todas as conversas literárias e linguísticas sobre a língua portuguesa, pela cooperação no dia-a-dia e, principalmente, por ser um companheiro que me encoraja a buscar o melhor de mim. Agradeço ao teu amor que me acolhe e me ensina.

Aos meus avós, à minha mãe e aos meus irmãos, que me ensinaram a ver beleza no estudo, me incentivando desde cedo – e que eu sei que sentiram muita saudade enquanto eu estava (e estudava) longe. O maior gesto de carinho de vocês foi me deixar partir, abrindo o espaço para retornar no momento que me fosse possível.

Às professoras do setor de italiano da UFRGS, por compartilharem seus conhecimentos comigo, pelas conversas e por todo o acolhimento ao meu nervosismo enquanto aluna. Agradeço pela paciência e pelo encorajamento durante meus anos de graduação.

Este trabalho é um pedaço de mim, graças a vocês.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso exhibe uma tradução comentada do conto italiano “Gaspare Puddu”, de Giovanni Maurandi, parte da obra *AUATEKUNTU – Adesso ti racconto*, composta por mais três contos, publicada no ano de 2014, na Itália. O propósito do estudo é analisar as soluções tradutórias propostas pela tradutora, as quais têm como objetivo representar a cultura italiana através da tradução, possibilitando ao leitor brasileiro a identificação da presença de características do país de origem da obra. A proposta de tradução é, portanto, se distanciar de adaptações brasileiras, com foco no conceito de estrangeirização. Sendo assim, embasa-se este processo tradutório partindo do conceito de tradução minorizante, de Lawrence Venuti (2019), em conjunto a princípios não-domesticadores, contando ainda com a perspectiva de Carina Balzan (2017) sobre a Teoria da Enunciação de Benveniste. A organização do estudo foi feita a partir da seleção de trechos da tradução que ilustram a composição de um texto representativo em relação à cultura italiana.

Palavras-chave: literatura italiana; tradução comentada; estrangeirização; teoria da enunciação; Giovanni Maurandi.

RIASSUNTO

La presente tesi di laurea propone una traduzione commentata del racconto italiano “Gaspare Puddu” di Giovanni Maurandi, appartenente all'opera *AUATEKUNTU – Adesso ti racconto*, composta da altri tre racconti, pubblicata in Italia nel 2014. Lo scopo dello studio è analizzare le soluzioni traduttive proposte dalla traduttrice, le quali si propongono di rappresentare la cultura italiana attraverso la traduzione, permettendo al lettore brasiliano di individuare la presenza di caratteristiche del Paese d'origine dell'opera. La proposta traduttiva vuole quindi distanziarsi dagli adattamenti brasiliani, concentrandosi sul concetto di stranierizzazione. Per questo motivo, basasi sul concetto di traduzione minoritaria di Lawrence Venuti (2019), in combinazione con i principi di non-domesticazione, e anche sulla prospettiva di Carina Balzan (2017) sulla Teoria dell'Enunciazione di Benveniste. Lo studio è stato organizzato con la selezione di brani della traduzione che illustrano la composizione di un testo rappresentativo della cultura italiana.

Parole chiave: letteratura italiana; traduzione commentata; stranizzazione; teoria dell'enunciazione; Giovanni Maurandi.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LEITURAS E INTENÇÕES	11
2.1	O AUTOR E A SUA LITERATURA	11
2.2	MOTIVAÇÃO TRADUTÓRIA	12
3	O PERCURSO TRADUTÓRIO	15
3.1	OS SUBSTANTIVOS	15
3.1.1	Traduzindo nomes: buscando a equivalência brasileira para Gaspare Puddu	15
3.1.2	Depois de Gaspar Pinto vem... <i>Puddy</i>	17
3.1.3	Nessa história, <i>Giuseppe</i> não é José	19
3.1.4	As diferenças fonéticas entre língua italiana e portuguesa na tradução do apelido Quico	20
3.1.5	Análise do uso da palavra “coisa”	22
3.2	OS ADJETIVOS: A AUTODESCRIÇÃO DE GASPAR E UMA BREVE ANÁLISE SOBRE SEU LÉXICO	24
3.3	OS VERBOS: ADAPTANDO OS VERBOS EM ITALIANO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA.....	26
4	CONSIDERAÇÕES	29
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO A – GASPAR PINTO	33
	ANEXO B – GASPARE PUDDU	62
	ANEXO C – ENQUETE NO TWITTER	85
	ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DE USO DA OBRA	86

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros contatos com tradução no curso de graduação em bacharelado em língua italiana, eu me considerava uma pessoa que tinha como preferência traduzir conteúdos não-literários. Sendo assim, não tive, além das aulas específicas nas disciplinas e cursos de tradução literária, muito contato com a prática de tradução de livros de romance, contos ou crônicas, por exemplo. Por esse motivo, quando recebi o convite de traduzir o conto “Gaspare Puddu” da obra *AUATEKUNTU – Adesso ti racconto*, de Giovanni Maurandi, pensei que poderia ser um grande desafio. O convite foi de uma amiga e colega, Patricia Lima, que também contribuiu com uma tradução no mesmo livro de Maurandi, seu amigo e também escritor.

Na primeira leitura do conto, senti as mais diferentes sensações. Uma das mais bonitas despertou meu interesse na obra e, conseqüentemente, no meu caminho de formação como profissional tradutora: a sensação gratificante de, após alguns anos de estudo, entender uma língua e vivenciar a excitação genuína de desafiar-me a aprender uma nova cultura através das palavras; além disso, a de aprender a questionar uma língua e suas culturas. Tudo isso através de um conto. “Gaspare Puddu” me causou borboletas no estômago. Logo no início, me senti tão imersa na leitura que demorei a perceber que estava entendendo tudo aquilo que lia e, por isso, tudo fazia sentido. “Gaspare Puddu” abriu portas para o que já estava ali, dentro de mim: diferentes conhecimentos e competências. Depois de viver o intenso momento de autodescoberta, estava decidido que eu traduziria o conto de Giovanni Maurandi: desejava que mais leitores pudessem ter a mesma experiência de leitura que tive ao imergir na narrativa.

Hoje sinto que era a ocasião mais adequada para ter escolhido que o traduziria, já que várias das condições naquele momento eram favoráveis: eu estava em processo de conclusão de curso, matriculada na disciplina de Estágio Supervisionado de Tradução do Italiano II e, como era possível, optei por levar uma obra de minha preferência para traduzir; finalmente, sabia que o Trabalho de Conclusão de Curso estava se aproximando e eu precisaria de um tema central. Aproveitando as oportunidades, traduzi o conto “Gaspare Puddu”.

Por conseguinte, posteriormente à tradução, os comentários sobre a mesma foram elaborados com base em três classes gramaticais: substantivos, adjetivos e verbos. Na primeira seção apresentada, organizo os principais pontos tendo como enfoque o papel dos substantivos próprios e o uso da palavra “coisa” na literatura, os quais serão comentados no subcapítulo 3.1. A seção dos adjetivos, localizada no subcapítulo 3.2, será dedicada à análise da escolha lexical da tradução de um trecho em particular da obra. Na seção dos verbos, por fim, proponho uma

análise sobre a adaptação de tempos e formas verbais na tradução, que pode ser encontrada no subcapítulo 3.3, concluindo o capítulo dos comentários da tradução. Além disso, a tradução está disponível no anexo A do presente trabalho; da mesma forma, o conto no original em italiano, disponível no anexo B.

2 LEITURAS E INTENÇÕES

2.1 O AUTOR E A SUA LITERATURA

Giovanni Maurandi nasce no ano de 1959, na comuna de Carloforte, no sudoeste da Sardenha. Em Cagliari, exerce a profissão de cirurgião oncologista. Sempre gostou de escrever por prazer. Em 2012, foi aconselhado por uma amiga a publicar os seus escritos. Simpatiza com a escrita como forma de construir uma realidade além daquela do mundo médico, criando histórias que não se relacionam à sua vida profissional.

Em conjunto com Patricia Lima, com quem tive a honra de compartilhar o processo de tradução dos contos de Giovanni Maurandi, realizamos uma entrevista com o autor através de uma chamada de vídeo, para conhecê-lo melhor como escritor e esclarecer dúvidas quanto à sua literatura. Como tópicos para a conversa, elaboramos perguntas em relação ao conteúdo dos contos, como por exemplo sobre o significado da palavra e sobrenome “Puddu”, em busca de confirmar as hipóteses criadas a partir de informações encontradas na internet. A oportunidade de conhecer o autor de “Gaspere Puddu” e dialogar sobre suas obras literárias, assim como debater sobre a tradução de seus contos, foi um ponto essencial durante esse percurso. Durante a entrevista, Lima questiona Maurandi sobre o motivo de tantos médicos tornarem-se escritores. O autor aponta o desejo de construir uma nova realidade, visto que a rotina médica acaba por ser cansativa: apesar de muitos acontecimentos positivos, existem aqueles negativos que podem causar estresse no dia-a-dia.

Na obra *AUATEKUNTU – Adesso ti racconto*, os contos de Giovanni Maurandi apresentam histórias de personagens no seu próprio círculo de convivência, retratando de forma objetiva seus pensamentos e opiniões. Além disso, o conto “Gaspere Puddu” é repleto de diálogos entre os personagens que ajudam a tecer o texto através do uso da linguagem menos formal em comparação àquela da narração, proporcionando uma leitura leve e engajadora.

Em questão de popularidade e divulgação das obras, o autor totaliza 559 vendas dos seus três livros publicados: *La partita*, *Auatekuntu* e *La casa dei gatti alle finestre*, lançados respectivamente em 2013, 2014 e 2016. Além disso, nenhum dos livros possui tradução oficial.

2.2 MOTIVAÇÃO TRADUTÓRIA

Iniciei meu percurso tradutório tendo como foco ponderar e analisar a hipotética relação do leitor com a tradução. À vista disso, sob o viés da Teoria da Enunciação de Benveniste, Carina Balzan (2017, p. 100) pondera que “toda enunciação pressupõe uma intencionalidade por parte do autor/locutor, de modo a influenciar o comportamento do alocutário/leitor através do uso das funções sintáticas fornecidas pela língua”. O leitor, influenciado pela intencionalidade do autor, por sua vez, também é passível de sofrer influência de acordo com a cultura na qual está inserido, assim como pela classe social e nível de escolaridade. Desse modo, entende-se que a existência da influência no leitor se dá de duas formas: através do enunciado – nosso texto de chegada, a tradução – e através do meio em que se encontra o leitor.

O leitor, nesse caso, ao reconstituir os sentidos do texto, apropria-se dele, atualiza-o, assimilando as intenções do autor e relacionando o que foi apreendido com seus conhecimentos prévios, atribuindo ao texto uma nova existência e impregnando-o com as características de sua subjetividade (Balzan, 2017, p. 101).

Sendo assim, visto que o presente trabalho apresenta uma tradução comentada, é válido apontar que o papel do tradutor também é, inicialmente, aquele de leitor. Antes de traduzir uma obra, é tarefa do tradutor analisar e assimilar as intencionalidades do autor através da leitura. É só a partir desse momento que o tradutor-leitor pode dar início ao seu trabalho: depois de observadas as referências do texto, seu estilo e suas particularidades. Por fim, a tradução bem executada é capaz de alcançar leitores que, agora em outra língua, terão o domínio e o entendimento dos leitores anteriores. Por esse motivo, foi importante, durante este percurso, considerar algumas origens desse leitor final.

A partir desse ponto, antes de iniciar a tradução do conto, mentalizei algumas propostas que me instigaram: (I) o conceito de intencionalidade do autor; (II) a importância do conhecimento sobre a cultura na qual está inserido o leitor; e (III) o vínculo entre a obra italiana, o tradutor e os leitores brasileiros. Desse modo, dentre os principais objetivos com a tradução, gostaria que o texto de chegada apresentasse ao leitor alguma referência à Itália: meu papel seria mostrar-lhe – em um cenário em que o leitor não estaria inserido no meio universitário do curso de Letras, mas independentemente do seu nível de formação, – que é possível, através da tradução, notar que naquela obra traduzida existem resquícios do seu país de origem. Pretendo exemplificar essa decisão no subcapítulo 3.1.1 e 3.1.3, nos quais argumento sobre traduzir ou não os nomes próprios dos personagens do conto. Se, por outro lado, o leitor for um estudante

de Letras ou estiver interessado pela língua italiana, é mais provável que observe a edição, o ano e o nome de quem traduziu o livro. Ambos os casos devem ser levados em consideração, dado o fato de que “o leitor, por sua vez, no encontro com o discurso (texto), percebe as marcas linguísticas deixadas pelo autor/locutor e atribui sentido a elas” (Balzan, 2017, p. 100), circunstância a ser considerada pelo tradutor, uma vez que é ele quem viabiliza a percepção das marcas linguísticas da obra traduzida.

Em concomitância à proposta de manter a representação do país de origem do conto no texto de chegada, também tomo como princípio tradutório o conceito de projeto minorizante de Lawrence Venuti (2019) que representa aquele que se opõe à cultura dominante e à língua maior, voltada para uma tradução acessível ao mesmo tempo em que é capaz de conservar características do texto de partida. Essas características (culturais, linguísticas e estilísticas) do texto de partida, por sua vez, são nomeadas “resíduo”, podendo ou não ser transpostas no texto de chegada. Por outro lado, privilegiar o projeto minorizante reflete, ainda, em âmbitos sociais, dado o fato de que “[...] obras literárias canonizadas há mais de cinco séculos tendem a permanecer seguras em suas posições, independentemente da frequência de mudança a que a poética dominante esteja sujeita” (Lefevere, 2007, p. 40). Outro ponto essencial que guia o presente trabalho é o ímpeto de evitar traduzir obras que já possuem tradução, para, de tal modo, evitar a repetição forçada do uso daquilo que já é de conhecimento comum no universo tradutório: obras lançadas por grandes editoras e/ou com visibilidade na mídia. Dessa forma, prezo pela divulgação – seja em âmbito acadêmico ou não – de autores independentes através da tradução realizada e discutida.

Realço, ainda, que o texto não funciona como “uma estrutura fechada e acabada, mas [...] passível de ser compreendido e interpretado por um outro, que não o seu autor” (Balzan, 2017, p. 101), tornando possível a realização de um projeto de tradução minorizante que, por sua vez, exige cautela para transpor os quesitos culturais do texto de chegada, de modo que os leitores brasileiros captem a intencionalidade da obra, assim como os leitores italianos captaram com o texto de partida. Cabe dizer que também é uma função do tradutor transpor as marcas linguísticas do texto de partida, de forma que os sentidos sejam transpostos para o texto de chegada (Venuti, 2019).

Portanto, transitando entre o conceito de projeto minorizante de Venuti e o conceito da relação entre leitor e texto de Balzan, baseada na teoria da enunciação de Benveniste, meu objetivo com o conto “Gaspere Puddu” é manter presente a sua italianidade em minha tradução. Ao escolher tal princípio tradutório, foi necessário encontrar, na língua portuguesa, estruturas passíveis de contemplar as intenções e os sentimentos expostos pelo autor em língua italiana,

para que se tornasse acessível a representação da língua de origem através de determinadas propostas, as quais serão debatidas e exemplificadas a partir do capítulo 3, seção destinada aos comentários deste processo tradutório.

3 O PERCURSO TRADUTÓRIO

A seção de comentários sobre a tradução foi organizada de modo que o leitor seja guiado por uma divisão entre as classes gramaticais: substantivos, adjetivos e verbos. Essa disposição de capítulos tem como objetivo possibilitar a leitura dinâmica das problemáticas de mesmo nicho, facilitando o entendimento da composição de questionamentos e soluções encontrados durante o percurso tradutório.

3.1 OS SUBSTANTIVOS

3.1.1 Traduzindo nomes: buscando a equivalência brasileira para *Gaspere Puddu*

Quando tive o primeiro contato com o conto “*Gaspere Puddu*”, pensei nos textos literários que tive a oportunidade de traduzir e, com isso, me deparei com o fato de que nunca havia entrado em contato com a tradução de nomes próprios. Pelo menos não na prática. No viés teórico, a tradução de nomes é um assunto polêmico. Sobre esse tópico, destaco as palavras de Berman, as quais, para o presente trabalho, servem para enfatizar a necessidade do desapego de estruturas que o leitor brasileiro não seria capaz de assimilar em língua estrangeira:

[...] o sentido é captado na língua para a qual se traduz. Para tanto, deve ser despojado de tudo que não se deixe transferir. A captação do sentido afirma sempre a primazia de uma língua. Para que haja anexação, o sentido da obra estrangeira deve submeter-se à língua dita de chegada (Berman, 2012, p. 45).

Por esta razão, tornou-se indispensável ressignificar a afeição com o nome italiano *Gaspere Puddu*: meu hipotético leitor, que pode não possuir referências italianas – seja de conhecimento, nível linguístico ou cultural –, não captaria o porquê de o personagem repudiar o seu próprio nome. Nesse momento, foi essencial dissociar o sentido da letra, priorizando o entendimento do leitor através do sentido não literal das palavras, fortemente ligado à cultura do texto de partida. “Trata-se de introduzir o sentido estrangeiro de tal maneira que seja aclimatado, que a obra estrangeira apareça como um “fruto” da língua própria” (Berman, 2012, p. 45). Desse modo, em contrapartida a manter os nomes em língua italiana, proposta explicada nos seguintes subcapítulos, *Gaspere Puddu* foi o único nome próprio adaptado à língua portuguesa nesta tradução.

Em uma primeira observação geral da obra, *Gaspare Puddu* soava como mais um nome italiano comum. Entretanto, um ponto essencial muda a direção da minha tradução do nome, explicado previamente pelo próprio autor: “observe o mapa geográfico da Sardenha: Gaspar Pinto se desenvolve em Carbonia e faz referências a Cagliari e a Carloforte. Também olhe alguma foto: imagine estar ali”¹ (Maurandi, 2023, tradução minha). Em outras palavras, a ambientalização da história se dá em Carbonia, comuna italiana de aproximadamente 30 mil habitantes, província da Sardenha do Sul, na região da Sardenha. Sabendo disso, surge uma dúvida sobre os significados do nome *Gaspare* e do sobrenome *Puddu*. Imaginei que seria mais intuitivo traduzir o nome do personagem principal para Gaspar e, a partir disso, pesquisei o seu significado em língua italiana e em língua portuguesa. Em ambas as culturas, o nome indica “inspetor” ou “inspetor do dinheiro/tesoureiro”; além disso, vale lembrar que *Gaspare*/Gaspar é o nome de um dos três reis magos na tradição da religião cristã. Para o primeiro nome, portanto, eu havia chegado a uma escolha fácil.

O sobrenome, por outro lado, exigiu um pouco mais de atenção: encontrar fontes com informações confiáveis foi mais laborioso. Primeiro verifiquei o fato de que o sobrenome tem maior predominância na Sardenha. Com isso, busquei o sobrenome relacionado ao adjetivo ‘sardo’. Sendo assim, em unanimidade nas pesquisas, verifiquei que, além de sobrenome, *puddu* é uma palavra que significa, em dialeto sardo, ‘galo jovem’ ou ‘galinha’. Com todos esses novíssimos dados em mãos, pensei em um sobrenome comum em todo o Brasil, que também é passível de comentários: Pinto. Mesmo não sendo proveniente de uma região específica, como o sardo *Puddu*, escolher o sobrenome Pinto mostrou-se o mais adequado. Então, para a atual tradução, a escolha final para o nome próprio do protagonista e título do conto foi *Gaspar Pinto*.

Na sequência da pesquisa, estudei a obra *Escândalos da Tradução* (2019), de Lawrence Venuti, que apresenta uma tradução em que:

O objetivo é, basicamente, alterar os padrões de leitura, forçando um não desprazeroso reconhecimento da tradução entre comunidades que, apesar de possuírem valores culturais diferentes, compartilham de uma antiga resistência em reconhecer isso (Venuti, 2019, p. 31).

Se, para Venuti, traduzir é tornar possível a transposição de sentimentos e emoções organizados a partir de uma língua estrangeira, espero, a partir das minhas escolhas, ser capaz

¹ “guarda la cartina geografica della Sardegna: Gaspare Puddu si svolge a Carbonia e ha riferimenti a Cagliari e Carloforte. Deve anche guardare qualche foto: immaginare di essere lì”

de propor uma equivalência de significados entre diferentes culturas e conhecimentos, para que finalmente o prazer do leitor brasileiro seja o mesmo do leitor italiano.

Dados os fatos, proponho, no subcapítulo seguinte, analisar a estilística de Giovanni Maurandi na composição do apelido do protagonista.

3.1.2 Depois de Gaspar Pinto vem... *Puddy*

Ao observar a estrutura lexical do conto, foi importante notar o uso de alguns anglicismos utilizados pelo autor. Permito-me dizer que seu uso poderia representar uma personalidade moderna e quase charmosa dos personagens – ou até mesmo do próprio texto. Uma escolha que, no atual cenário italiano, pode demonstrar ousadia frente à nova penalidade implantada pelo governo italiano no país. No ano de 2023, pessoas que “usarem inglês e outras palavras estrangeiras em comunicações oficiais podem enfrentar multas de até € 100.000 sob a nova legislação introduzida pelo partido Irmãos da Itália, da primeira-ministra Giorgia Meloni” (Nadeau, 2023). Acredito que tal medida possa ser considerada retrógrada e perigosa, devido ao fato de fazer referências a características de cunho fascista, defendendo o uso único e exclusivo do idioma nacional. Embora a penalidade do governo de Giorgia Meloni não se estenda à obra de Giovanni Maurandi por não ser um documento oficial e por ser uma obra publicada em 2014, tal decisão apresenta-se como um retrocesso para a comunicação e o conhecimento.

Da mesma forma, aproveito o exemplo de André Lefevere (2007, p. 34) que apresenta a reescritura, por Karl Gutzkow, da peça “A morte de Danton”, de Georg Büchner, que teve como propósito adequá-la a um tipo de poética e ideologia específicos. Sigo a direção contrária: realço a importância de manter os anglicismos do texto de partida com o objetivo de manter a estilística de Giovanni Maurandi.

Na tabela abaixo, é possível analisar o uso do termo *wanted* e, em seguida, o uso do apelido *Libby* – que apresenta estilo anglófono em sua composição. É possível observar o uso funcional dos anglicismos tanto no texto de partida quanto no texto de chegada.

TP	TC
Le marchiature a fuoco non sono mai 'OTTIMO PRODOTTO' o 'D.O.C.' o 'PREZIOSO'; sono 'PRODOTTO SCADENTE' o 'VELENO' o 'WANTED VIVO O MORTO'... o molto peggio.	As marcações a fogo nunca são “ÓTIMO PRODUTO” ou “D.O.C.” ou “PRECIOSO”; são “PRODUTO VENCIDO” ou “VENENO” ou “WANTED VIVO OU MORTO”... ou muito pior.
Liberata diventa Libby : esotico; se una Libby ha la pelle scura e gli occhi chiari è amata da tutti.	Liberata vira Libby : exótico; se uma Libby tem a pele escura e os olhos claros, é amada por todos.

Consequentemente, demonstrado o uso dos anglicismos, é importante observar a estrutura do apelido do personagem principal: no texto de partida, a personagem *Clo* apelida *Gaspare Puddu* de *Puddy*. Na tradução, optei por adaptar o apelido baseando-me em duas razões: (I) *Puddu* e *Puddy*, respectivamente sobrenome e apelido, possuem o mesmo início em comum: ‘pu’; (II) a pronúncia do apelido *Puddy*, uma vez que a letra ‘d’, em língua inglesa, possui som alveolar [r]². Ambos os pontos serviram como guia da tradução do apelido que, na lógica do texto de partida, deveria começar com ‘pi’ do sobrenome *Pinto* e precisaria reproduzir o mesmo som alveolar do apelido no texto de chegada. Sendo assim, na tradução do conto, a personagem Clô apelida Gaspar Pinto de Pitty.

Mantendo minha proposta tradutória, busquei um apelido que, assim como no texto de partida, relembre o nome de Gaspar, mas de forma *menos pior*, como disse a personagem. “A função mesma da tradução é a assimilação, a inscrição de inteligibilidades e interesses domésticos em um texto estrangeiro” (Venuti, 2019, p. 28) e, diante disso, acredito ter sido importante manter ambas características no texto de chegada, além de apontar a possibilidade da inscrição de palavras anglófonas em língua italiana, de uso cada vez mais recorrente – apesar das escolhas do atual governo.

TP	TC
“Ok” rispondo io e divento rosso. Lei ride. “Ok. A dopo, Puddy .” “Puddy?” “E’ meglio di Gaspare Puddu. Non è il massimo, ma accontentati.”	– Ok – eu respondo e fico vermelho. Ela ri. – Ok. Até depois, Pitty . – Pitty? – É melhor que Gaspar Pinto. Não é o máximo, mas contente-se.

² Em língua portuguesa, o equivalente ao som da letra ‘r’ na palavra touro, por exemplo. Dessa forma, as duas consoantes ‘d’ no apelido Puddy fornecem o som do ‘r’.

Outrossim, além de Gaspar Pinto, existem outros personagens na história de Giovanni Maurandi: vejamos, no próximo subcapítulo, a proposta de tradução dos demais nomes e como isso influencia na leitura do texto de chegada.

3.1.3 Nessa história, *Giuseppe* não é José

Venuti (2019, p. 138) preza pelo fato de que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras”, e, por tal motivo, foi fundamental ao longo da tradução de “Gaspare Puddu” reformular algumas ideias a respeito da tradução dos nomes dos personagens. Como visto previamente, a fim de manter o funcionamento de sentido no nome do protagonista, traduzi-lo foi essencial. Porém, no que diz respeito aos demais personagens, devido ao fato de os nomes não conterem significados humorísticos assim como em Gaspar Pinto, traduzi-los poderia ser opcional, viabilizando meu projeto de representação do país de origem da obra, através da tradução.

Diante disso, retomando o que foi dito na introdução, escolhi manter características essenciais no texto traduzido a fim de remeter ao leitor brasileiro alguma lembrança sobre a origem da obra, visto que para Venuti (2019, p. 30): “A fluência é assimilativa, apresentando aos leitores domésticos uma representação realista conjugada com seus próprios códigos e ideologias como se fosse um encontro imediato com um texto e uma cultura estrangeiros”. Sendo assim, baseei a presente escolha tradutória no conceito de estrangeirização, com a finalidade de apresentar uma tradução que preza por manter características do texto de partida, o estrangeiro, no texto de chegada.

Pensando na apresentação aos leitores domésticos de uma cultura estrangeira, no decorrer do percurso tradutório, ocorreu-me lembrar dos personagens italianos representados pelas minisséries de diversas emissoras nacionais, os quais eram representados de modo geralmente estereotipados, mas que eram marcados principalmente pelos seus nomes de origem italiana, como Matteo, Giuliana e Giuseppe, por exemplo. Dadas as referências, pensei no romance *A Casa das Sete Mulheres*, de Leticia Wierzchowski, que foi adaptado em minissérie, no qual um dos personagens famosos é Giuseppe Garibaldi, inspirado no militar e guerrilheiro italiano. Por ter acompanhado a transmissão residindo em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, entendia que aqui a minissérie era muito conhecida e comentada, mas achei necessário confirmar minha hipótese sobre o local de popularidade da minissérie. Decidi, então, criar uma enquete aberta no Twitter (ver anexo C) – opção baseada no fato de sua abrangência de usuários de diferentes localidades – com o questionamento: a minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, quando

transmitida em TV aberta, era popular em todo o Brasil ou era majoritariamente conhecida no estado do Rio Grande do Sul? A enquete alcançou um total de vinte respostas, nas quais 85% disseram que era de conhecimento nacional e 15% disseram que era de conhecimento popular apenas no Rio Grande do Sul, e mais um comentário de um usuário, do Estado do Rio de Janeiro, atualmente estudante de Letras de uma Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, que me informou sobre a popularidade da minissérie no Rio de Janeiro, cidade onde cresceu, acrescentando ainda que sua mãe e avó a assistiam e comentavam a respeito.

Observo, ainda, a proposta de Venuti (2019, p. 137) a respeito da domesticação das obras: “A tradução, com frequência, é vista com suspeita porque, inevitavelmente, domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas”. Portanto, prezando pela estrangeirização dessa seção da tradução e retomando o fato do sentido dos nomes dos demais personagens não serem afetados pela sua não tradução, foi pertinente manter os mesmos nomes do texto de partida.

Em suma, dada a popularidade nacional da minissérie e, de acordo com o método tradutório escolhido, em vista das possibilidades, optei por não traduzir os nomes dos personagens além da adaptação de Gaspar Pinto, com o objetivo de remeter o leitor – como sendo um indivíduo hipoteticamente sem maiores conhecimentos sobre a obra e sua origem – a um cenário italiano.

No subcapítulo a seguir, por outro lado, comento sobre a importância da análise fonética na tradução através de uma breve observação comparativa entre português e italiano.

3.1.4 As diferenças fonéticas entre língua italiana e portuguesa na tradução do apelido

Quico

Um dos primeiros contatos que tive com a língua italiana, no decorrer das minhas primeiras aulas na graduação, foi conhecendo os diferentes fonemas desse idioma. Aprendi que a letra ‘c’ não tem, dependendo da vogal que a acompanha, o mesmo som que na língua portuguesa. Isto é, quando acompanhado de *a*, *o* ou *u*, a letra ‘c’ tem som gutural, conhecido também como ‘c’ duro. Porém, para causar o mesmo efeito com as vogais *e* e *i*, a letra ‘c’ precisa estar acompanhada da letra ‘h’.

Sabendo disso, torna-se essencial fazer uma breve explicação sobre os fonemas da letra ‘c’ em língua italiana e portuguesa. Com a tabela a seguir, pretendo demonstrar a equivalência dos fonemas de ambas as línguas.

som em português	som em italiano	representação no alfabeto fonético
ca	ca	[k]
que	che	[k]
qui	chi	[k]
co	co	[k]
cu	cu	[k]

A partir disso, observa-se a tradução do seguinte trecho, levando em consideração a estrutura fonética do apelido em destaque:

TP	TC
[...] Ci sono nomi che si salvano coi diminutivi. Annunziata diventa Anny: molto charme, fa classe. Antioco diventa Chicco : fa simpatia e tenerezza; chi si chiama Chicco non può che essere una brava persona... una gran bella persona. [...]	[...] Existem nomes que se salvam com os apelidos. Annunziata vira Anny: é bem charmoso, tem classe. Antioco vira Quico : é simpático e carinhoso. Quem conhece um Quico não pode ser senão uma boa pessoa... uma grande pessoa. [...]

O leitor que hipoteticamente desconhece a fonética da língua italiana não lê o apelido *Chicco* como ‘Quico’, e sim como ‘Xico’, pois o som do ‘ch’, em português, equivale ao [x]. Além disso, há um possível fator referencial para os leitores brasileiros. Em nossa cultura, quando ouvimos ou lemos o nome ‘Chico’, o cérebro pode referenciar Chico Bento ou Chico Buarque, por exemplo, assim como é inevitável ouvir ou ler o nome ‘Quico’ e não lembrar do personagem do programa de TV *Chaves*. Independentemente da memória desbloqueada, observa-se que a analogia se dá devido à diferença fonética entre os nomes e as línguas portuguesa e italiana.

Seguindo essa lógica, pressupus que não traduzir o apelido *Chicco* faria com que o leitor lesse ‘Chico’ [x], quando, na verdade, o objetivo é mostrar que em italiano se lê ‘Quico’ [k]. Assim, prevalece o fato de que o leitor brasileiro entende o apelido da mesma forma que o leitor italiano, quando a fonética é espelhada de uma língua à outra. Também é interessante destacar que, com o apelido traduzido como ‘Quico’, é possível manter o trocadilho fonético no texto

de chegada, como se pode observar nas frases seguintes, em ambas as línguas (apresentando 4 sons do [k]): [...] *chi si chiama Chicco* [...] e [...] *quem conhece um Quico* [...].

Para concluir o capítulo dos comentários da tradução de substantivos, encerro com a reflexão do subcapítulo seguinte, propondo uma visualização através de tabelas comparativas entre texto de partida e texto de chegada sobre a utilização de um termo consideravelmente polêmico: *coisa*.

3.1.5 Análise do uso da palavra “coisa”

Relembrando o estudo da língua portuguesa durante o Ensino Médio, me recorro de os professores abominarem o uso da palavra *coisa*, seja na oralidade, seja na escrita. Hoje consigo entender que, na verdade, apenas em certos tipos de discurso seu uso não seria o mais adequado – e as redações das provas vestibulares seriam um deles.

Completamente flexível, a palavra *coisa* pode significar inúmeras... *coisas*. É passível de ser substantivo, verbo, pronome, expressão... capaz de substituir as mais variáveis palavras no discurso. Devido ao seu caráter amplo e genérico, aquele que dá o significado de acordo com o contexto é quem participa do enunciado, ao observar o tom de voz, a expressão facial e até os gestos de quem a emprega. É necessário salientar, porém, que apesar de usada corriqueiramente na fala, há quem tenha preconceito com seu uso na escrita. Entretanto, evidenciando que a literatura – gênero trabalhado nesta tradução – é composta por diferentes estilos e limites, tornando-se flexível – ainda assim, menos que a fala – em ressignificar palavras, estruturas e sentidos conforme a aplicação de cada momento, cabe analisar seu uso neste gênero.

Giovanni Maurandí, então, através do conto, demonstra que seu uso pode ser digno. Por isso, sob o mesmo ponto de vista do autor, busquei contemplar, como tradutora, a aplicação da palavra *coisa*. Nos estudos de língua italiana, é possível que um estudante se surpreenda ao observar pela primeira vez a quantidade exagerada de vezes que a palavra *cosa* é utilizada por um italiano. Na literatura não é diferente: é comum encontrar obras cujos títulos envolvem o termo ou frases marcantes em que a palavra passa despercebida. Como tradutora, confesso que meu primeiro impulso foi substituir a palavra *coisa* no texto de chegada, com certo receio de utilizar uma palavra mais utilizada em discurso corriqueiro. Porém, no texto de partida, o autor usa-a de forma a se tornar pertinente à reflexão que, a partir do seu uso, é possível analisar a sua existência na literatura, especialmente nesta tradução, por se tratar de um projeto minorizante que retrata uma obra periférica no espaço literário.

Sendo assim, optando por manter a palavra *cosa* no texto de chegada, contabilizei a quantidade de utilizações no texto de partida e no texto de chegada (ambas superiores a 30), fato que possibilitou observar seu funcionamento enquanto em exercício tradutório. Na tabela a seguir, realço um trecho no qual o uso da palavra *cosa* está na primeira frase no texto de partida, enquanto é utilizada na segunda frase na tradução, demonstrando a versatilidade tanto na língua italiana quanto na língua portuguesa:

TP	TC
Ma uno che si chiama Gaspare Puddu cosa può fare? Già Puddu non è un granché ma, se ci metti davanti Gaspare, fa cagare.	Mas alguém que se chama Gaspar Pinto, o que pode fazer? Pinto já não é grande coisa , mas se colocar um Gaspar na frente, é um desprazer.

Dada a relevância da palavra *cosa/coisa* no conto e na tradução de “Gaspare Puddu”, aponto seu uso como característica comum entre língua italiana e portuguesa, funcional em nível sintático e semântico. Sendo assim, na tabela seguinte, exponho alguns trechos nos quais mantive o uso da palavra:

TP	TC
Perché è allora che ti succede la cosa più importante della tua vita, quella che ti segnerà per sempre nel bene e nel male. Questa cosa si chiama EDUCAZIONE.	Pois é então que acontece a coisa mais importante da sua vida, a qual te marcará para sempre, no bem e no mal. Essa coisa se chama EDUCAÇÃO.
Ecco una cosa da fare a Carbonia: andare al Bar Gaggy; il cappuccino che fanno lì è la fine del mondo; le paste, una goduria.	Está aí uma coisa para fazer em Carbonia: ir ao Bar Gaggy. O cappuccino que fazem lá é de outro mundo! As massas, o maior deleite.
Col passare degli anni, le cose sono cambiate, i genitori sono cambiati o, forse, sono cambiato io. Adesso, fare i 'colloqui' mi sembra la cosa più inutile del mondo, come svuotare l'oceano con un cucchiaino.	Com o passar dos anos, as coisas mudaram, os pais mudaram ou, talvez, eu tenha mudado. Agora, fazer as “reuniões” me parece a coisa mais inútil do mundo, igual esvaziar o oceano com uma colher de chá.
Perché è allora che ti succede la cosa più importante della tua vita, quella che ti segnerà per sempre nel bene e nel male. Questa cosa si chiama EDUCAZIONE.	Pois é então que acontece a coisa mais importante da sua vida, a qual te marcará para sempre, no bem e no mal. Essa coisa se chama EDUCAÇÃO.

Mediante o exposto, concluo o presente subcapítulo ilustrando através de fragmentos de trechos em que a palavra *cosa* não teve sua equivalência literal na língua portuguesa, mas sim adaptada à semântica e fluidez no texto de chegada, em que optei pela expressão *o que*:

TP	TC
“Che cosa succede?”	– O que está acontecendo?
ma Pavani cosa ne sa di ragazze?	Mas o que o Pavani sabe sobre garotas?
“Che cosa farai per Natale?”	– O que vai fazer no Natal?

3.2 OS ADJETIVOS: A AUTODESCRIÇÃO DE GASPAR E UMA BREVE ANÁLISE SOBRE SEU LÉXICO

Previamente à seção de comentários destinada aos adjetivos do texto, é essencial refletir sobre o enredo do conto. A trama narra a trajetória da vida de Gaspar Pinto, o protagonista, enquanto percorre causos amorosos na adolescência e na vida adulta, lidando com dilemas sobre amizade. O personagem tem, ainda, a capacidade de fazer o leitor se sentir mais envolto a cada página. Muito educado e ao mesmo tempo irônico – e também diria um pouco revoltado –, é possível acompanhar a adolescência de Gaspar, o processo de amizade com Giuseppe e a sua paixão por Clotilde. Os três formam um trio ácido e engraçado, repleto de piadinhas e polêmicas.

Figo e merda são dois adjetivos de uso comum na língua italiana. De acordo com o dicionário italiano on-line *Il Sabatini Coletti*, a definição de *figo* é “adj. No dialeto jovem, de pessoa ou coisa, que segue perfeitamente os preceitos da moda do momento [...] s.m. Na linguagem juvenil, pessoa fascinante, atraente”³ (tradução minha); no mesmo dicionário, *merda* é definido como “fig. Pessoa ou coisa desprezível, de nenhuma importância ou valor”⁴ (tradução minha), que, por sua vez, tem o mesmo significado que a palavra na língua portuguesa.

Na obra italiana, encontramos o uso de ambos adjetivos na frase “*Stavo in una media grigia, né figo né merda; medio appunto*”, na qual essas palavras são utilizadas em forma de antítese, contrastando dois opostos através da conjunção *né*, equivalente ao *nem* da língua

³ “agg. Nel gergo giovanile, di persona o cosa, che segue perfettamente i dettami della moda del momento: che f. quel vestito!; di bell'aspetto, affascinante. s.m. (f. -ca) Nel l. giovanile, persona molto affascinante, attraente: il tuo amico è un gran f.”

⁴ “fig. Persona o cosa spregevole, di nessun conto o valore”

portuguesa. Sendo assim, a expressão “*né figo né merda*” precisa transmitir no texto de chegada uma antítese que contraste entre ‘feio e bonito’, com o uso de adjetivos corriqueiros na língua portuguesa, da mesma forma que Giovanni Maurandi utilizou em italiano. Além disso, acredito que seja estruturalmente importante manter no texto de chegada a conjunção *nem*, com o objetivo de espelhar a sintaxe e estilística do texto de partida, apoiando-me principalmente no fato da conjunção ser corriqueiramente utilizada em ambas as línguas, evitando o estranhamento do leitor brasileiro.

Pesquisando sobre a etimologia do primeiro adjetivo, *figo*, obtive maior noção sobre seu uso. Seus primeiros registros na língua italiana são considerados vulgares, visto que indicavam o órgão genital feminino e, posteriormente, a pessoa de sexo feminino, sendo predominantemente pertencentes ao discurso juvenil. Com o passar do tempo, o adjetivo perde a conotação sexual para simbolizar sinônimo de beleza, como é possível observar na coleção de livros infantis “*Autori fighi*” (Edizioni Piemme, 2020), da professora Annalisa Strada, na qual figuras como Dante, Leopardi, Manzoni, Homero, entre outros, são qualificados por ela como *figo*.

Após refletir a respeito, duas opções de tradução surgiram: *nem ótimo, nem merda*, que foi descartada, pois *ótimo* não contempla o significado do uso corriqueiro como adjetivo para o contexto da oração. A segunda opção para a tradução foi *não era um gatinho, mas também não era um merda*, que também foi descartada devido à mudança de conjunção, a qual prezo pelo uso. Como opção definitiva, surge *nem um fodão, nem um merda*, na qual a expressão ‘*fodão*’ retoma ligeiramente o significado vulgar da palavra *figo* em italiano, somando-se ao fato de estar presente no vocabulário de adolescentes – momento da vida de Gaspar quando usa a expressão a respeito de si mesmo no conto.

Através dessa versão para “*né figo, né merda*”, realço que a escolha tradutória foi, nesse caso, aquela que (I) assemelha-se ao texto de partida em nível sintático e fonético ao utilizar a conjunção *nem* da língua portuguesa; (II) contempla o léxico de um adolescente descrevendo sua própria imagem; e (III) retoma o significado vulgar do adjetivo *figo*.

TP	TC
Stavo in una media grigia, né figo né merda ; medio appunto. Mi si considerava buono e gentile ma non interessavo a nessuno.	Estava em uma média cinza, nem um fodão, nem um merda : meia boca. Me consideravam bom e gentil, mas não era interessante para ninguém.

3.3 OS VERBOS: ADAPTANDO OS VERBOS EM ITALIANO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Neste último capítulo de análise das minhas escolhas tradutórias, parto do fato que o personagem Gaspar Pinto possui formação em Letras Clássicas e, sendo o narrador da sua própria história, sua escolha lexical está ligeiramente mais inclinada à escrita formal, possuindo, no entanto, mescla com o coloquial. Por esse motivo, o texto de partida possui boa estrutura sintática e semântica, além de interessantes escolhas lexicais, o que facilita o processo de tradução, visto a semelhança desses fatores linguísticos entre língua portuguesa e italiana. Desse modo, busquei encontrar a equivalência entre os tempos verbais de ambas as línguas, mas para transpor o verdadeiro sentido foi preciso fugir das correspondências padrão.

A oportunidade de traduzir o conto de Giovanni Maurandi me proporcionou, então, a chance de aprofundar meus conhecimentos sobre a transposição dos tempos verbais da língua italiana para a língua portuguesa, principalmente em relação ao pretérito dos verbos. Nesse sentido, com base no estudo de Maria Eugênia Verdaguer (2004), surgem problemas no percurso tradutório em relação aos pretéritos da língua italiana:

Um dos problemas que se apresentam durante o processo de tradução da língua portuguesa ao italiano diz respeito à traslação do pretérito perfeito simples do indicativo para um dos dois tempos verbais que, em italiano, lhe correspondem na descrição do passado: *passato prossimo* e *passato remoto* (Verdaguer, 2004, p. 185).

Embora Verdaguer aborde os problemas relativos à versão de textos do português ao italiano, a mesma correspondência pode ser utilizada na tradução de textos do italiano ao português. Dessa forma, em meu percurso tradutório, optei pela seguinte equivalência verbal entre o par linguístico italiano e português. Analiso-a na tabela abaixo e, na tabela seguinte, exemplifico através de um fragmento do texto de chegada o uso desses tempos verbais:

Tempo verbal na língua italiana	Tempo verbal na língua portuguesa
Passato remoto	Pretérito perfeito
Condizionale passato	Futuro do pretérito composto
Trapassato prossimo	Pretérito mais-que-perfeito composto

TP	TC
In prima elementare, primo giorno di scuola, primo appello, al nome “Puddu Gaspare” dissi “Presente” e sentii i risolini degli altri bambini e, intervallato, un sussurro “Gaspare... Gaspare...”. Mi resi conto che partivo male, che col mio nome avrei dovuto dimostrare sempre qualcosa, che, solo per il mio nome, rischiavo di diventare lo zimbello della classe.	Na primeira série, primeiro dia de escola, primeira chamada, ao nome “Gaspar Pinto” eu disse “presente” e ouvi as risadinhas das outras crianças e, intercalado, um sussurro “Gaspar... Gaspar...”. Me dei conta que começava mal, que tinha de ter provado alguma coisa com o meu nome, que arriscava me tornar a piada da turma só por causa do meu nome.

Conforme ilustra a tabela, o uso do *passato remoto* nos verbos *dissi*, *sentii* e *resi* no trecho equivale ao pretérito perfeito que, no português, são conjugados como *disse*, *ouvi* e *dei*. Posteriormente, *partivo* e *rischiavo* equivalem a *começava* e *arriscava*, no pretérito imperfeito de ambas as línguas. Por último, *avrei dovuto*, no *condizionale passato*, equivale a *tinha de ter* em língua portuguesa, no futuro do pretérito composto.

Perante o exposto, esse fragmento do texto de partida apresentou todas as formas de tempos verbais citadas e o texto de chegada pôde contemplar a equivalência em língua portuguesa.

Assim, proponho a análise de mais um fragmento:

TP	TC
Io Gaspare, perché mio nonno si chiamava Gaspare. Va bene, ma non era colpa mia! Io ero appena nato , anzi dovevo ancora nascere; di quali gravi colpe potevo essermi macchiato per avere un marchio del genere?	Eu, Gaspar, porque meu avô se chamava Gaspar. Está bem, mas não era culpa minha! Eu recém tinha nascido , ou melhor, ainda deveria nascer... que grande culpa eu teria para carregar comigo uma marca do gênero?

Na primeira frase evidenciada, a tabela ilustra o uso, em italiano, do *trapassato prossimo* (*ero appena nato*), cuja equivalência para o tempo verbal pretérito mais-que-perfeito composto, em português, com *recém tinha nascido*, funciona. Entretanto, na segunda frase evidenciada, surge uma dificuldade em encontrar a tradução adequada para o trecho “*di quali gravi colpe potevo essermi macchiato per avere un marchio del genere?*”.

O desafio começa com a expressão *essersi macchiato* que, em português, quer dizer “ter sido manchado”. Apesar de seu uso comum na língua portuguesa, a continuação *per avere un marchio del genere* acaba esclarecendo um pouco mais o significado da expressão. Entretanto, traduzir a frase como “de quais grandes culpas eu teria sido manchado para ter uma marca do gênero?” ainda não me parecia ser a escolha ideal. Assim, a saída que encontrei foi reformular, a partir dessa primeira ideia de tradução, uma frase que soasse ainda mais natural e fluida no texto de chegada, atendendo à formalidade, sintaxe e semântica da oração. “De quais grandes culpas eu teria sido manchado” transformou-se apenas em “Que grande culpa eu teria”; e “para ter uma marca do gênero?” transformou-se em “para carregar comigo uma marca do gênero?”.

A ideia de substituir o verbo ‘ter’ por ‘carregar’ surge baseada na expressão “cada um carrega sua cruz” e pelo seu impacto transmitido, que funciona da mesma maneira quanto a expressão italiana *essersi macchiato*. No conto, quando o personagem está falando de si, lamentando-se pelo fato de ter um nome do qual não gostava e perguntando-se o motivo de tê-lo recebido – evidenciando mais uma vez sua síndrome de Calimero⁵ –, suas palavras soam como quem pergunta a Deus o motivo de precisar enfrentar tamanho desafio, como se fosse atrapalhá-lo durante toda a vida. Tendo isso em mente, acredito que seja uma escolha tradutória à altura da estruturação verbal do conto e das lamentações do protagonista, transmitindo seu dramático desespero por chamar-se Gaspar Pinto a fim de que o leitor seja capaz de perceber detalhes precisos – e preciosos – do texto de partida.

⁵ Citada em outros momentos do conto, a síndrome de Calimero é baseada em um personagem de desenho animado ítalo-japonês dos anos 1960, um pintinho que era maltratado pelos outros e, por isso, estava sempre se lamentando, sem reagir aos insultos. Era transmitido pelo programa televisivo publicitário *Carosello*.

4 CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho de conclusão de curso significa a finalização, como o próprio nome já diz, de uma etapa que me presentia com o sentimento de almejar cada vez mais. Meu percurso como aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul teve início em 2019, quando me matriculei como graduanda no curso de Letras. Por me sentir um pouco deslocada no lugar até então desconhecido, tentei me encontrar dentro da língua portuguesa, da língua italiana, da linguística ou da literatura. Nesse caminho, não me encontrei: consegui distinguir, porém, que não estava ali com o intuito de me encontrar, mas sim com o propósito de me tornar uma pessoa que deseja obter o conhecimento que transita entre os seres humanos; como quem deseja observar outros pontos de vista: tantas ideias que não são apenas as minhas e mundos que não são apenas o meu.

Oito semestres depois, prefiro dizer que a causa da minha sede era e ainda é o conhecimento. No papel de estudante de Letras, conhecimento esse que significa ter a possibilidade de ir ao encontro do que é nosso, do que se molda através da gente: a língua. Foi a partir do estudo linguístico e cultural do Brasil e da Itália que pude compreender a dimensão do que chamamos de linguagem e como isso nos conecta e nos afeta como seres humanos.

Por consequência, a partir da reflexão sobre a possibilidade de estarmos conectados através da literatura e da linguagem, as escolhas tradutórias deveriam realçar aspectos que apresentassem tal conexão. Na esfera acadêmica, a oportunidade de traduzir a obra italiana de um autor pouco conhecido coincidiu ao conceito de tradução minorizante de Lawrence Venuti (2019), teoria que me permitiu conhecer mais sobre traduções de literaturas pouco difundidas e, com isso, traçar intenções específicas de acordo com meus princípios tradutórios para o conto de Maurandi. Na prática, delineei como objetivo principal da tradução transmitir a representação da Itália no texto de chegada, para concretizar a reflexão sobre a conexão humana através da literatura. Para atingir tal objetivo, o conceito de estrangeirização na tradução foi um essencial condutor deste projeto.

A primeira parte dos comentários diz respeito à escolha de não traduzir os substantivos próprios do texto, os quais servem como principal ponto de referência italiana para o leitor brasileiro. Por tal motivo, foi necessário manter os nomes originais dos personagens secundários na tradução e, além disso, também optei por não traduzir os nomes dos locais citados no conto, a fim de ilustrar a escolha de uma tradução que abre espaço à curiosidade e ao conhecimento do leitor. Com isso, foi preciso evitar manter no texto de chegada tudo aquilo que pudesse causar desconforto ao leitor: a adaptação do nome do protagonista do conto, ao

contrário dos demais, além de proporcionar o riso ao leitor brasileiro, também evidencia tal proposta, pois um nome repleto de significados não transpostos à língua de chegada põe-se como obstáculo para o leitor, refletindo em uma interrupção na linha de raciocínio da obra. Em suma, fiz a tradução baseando-me tanto no conceito de estrangeirização quanto no de domesticação, dependendo do momento que cada teoria fosse necessária de acordo com o objetivo final de manter a italianidade no texto de chegada.

No que diz respeito aos adjetivos e verbos analisados, ambas as seções privilegiaram a discussão sobre a busca de equivalentes, principalmente em relação à usualidade das palavras, tanto em português quanto em italiano, de maneira que fosse desenvolvido um debate referente ao léxico dessas línguas. Nesse caso, a intenção foi manter a fluidez presente na tradução e, concomitantemente, evitar o apagamento de características essenciais do texto de partida.

No início do percurso, a tradução literária parecia misteriosa. Precisei buscar questionamentos sobre as minhas intenções com o texto. Entretanto, um texto não existe sem o seu leitor. Consequentemente, estudar o perfil do leitor da tradução se tornou prioridade. Pouco a pouco, a proposta de tradução se concretizou em objetivos e respostas para as dúvidas, assim como ocasionou o surgimento de mais dúvidas, e assim sucessivamente. A tradução literária está, portanto, em uma posição de gerar, incessantemente, dúvidas e respostas.

Por fim, as soluções aqui propostas pretendem conceder ao leitor brasileiro a descoberta de uma obra italiana pouco conhecida. Privilegiei o estudo da tradução de uma literatura menor e independente ao desviar o foco de traduções de obras canônicas ou conhecidas na atualidade. Sendo assim, ao contemplar o estudo da língua italiana por meio da literatura contemporânea, analisei a minha tradução do conto “Gaspere Puddu”, do livro de contos *AUATEKUNTU – Adesso ti racconto*, de Giovanni Maurandí, que aqui apresentei como tradução comentada, refletindo sobre diferentes aspectos da obra.

REFERÊNCIAS

- BALZAN, Carina Fior Postinger. Da noção de subjetividade de Benveniste à leitura como ato enunciativo. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 35, p. 87-102, 16 mai. 2017. 0102-387X. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.34112/2317-0972a2017v35n69>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/issue/view/18/7>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andréia Guerini. 2. ed. Florianópolis, Santa Catarina: Copiart/PGET-UFSC, 2012. Título original: La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.
- BRITO, Ana Maria *et al.* **Gramática Comparativa Houaiss: Quatro Línguas Românicas: português, espanhol, italiano e francês**. São Paulo: Publifolha, 2010.
- ECO, Umberto. **Dire quasi la stessa cosa: Esperienze di traduzione**. Milão: Bompiani, 2010.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Claudia Matos Seligmann. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007. Título original: Translation, rewriting and the manipulation of literary fame.
- MAURANDI, Giovanni. **AUATEKUNTU - Adesso ti racconto**. 1. ed. Il mio libro, 2014. 234 p. ISBN: 9788891076045.
- _____. Entrevista com o autor de *Auatekuntu*: conversa sobre escrita e tradução [vídeo pessoal]. Entrevista cedida a Beatriz Giacomelli Kalife e Patricia Lima da Silva por videoconferência na plataforma Google Meet, Porto Alegre, jul. 2023.
- NADEAU, Barbie Latza. Governo da Itália quer penalizar uso de palavras em inglês para preservar a língua italiana. In: **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governo-da-italia-quer-penalizar-uso-de-palavras-em-ingles-para-proteger-a-lingua-italiana/>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- SABATINI, Francesco; COLETTI, Vittorio. Fico. In: **Il Sabatini Coletti: Dizionario della lingua italiana**. [S. l.]: 2018. Disponível em: https://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/F/fico_2.shtml. Acesso em: 1 jul. 2023.
- _____. Merda. In: **Il Sabatini Coletti: Dizionario della lingua italiana**. [S. l.]: 2018. Disponível em: https://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/M/merda.shtml. Acesso em: 1 jul. 2023.
- TARTAMELLA, Vito. Lo sdoganamento del "fico". In: _____. **Parolacce**. [S.l.]. 27 mar. 2014. Disponível em: <https://www.parolacce.org/2014/03/27/fico-aggettivo-inflazionato/>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: Por uma ética da diferença**. Tradução: Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Título original: The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference.

VERDAGUER, Maria Eugênia. Aspecto verbal na tradução do pretérito perfeito do português ao italiano. **Revista de Italianística IX**, São Paulo: USP, n. 9, p. 185-201, 30 dez. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/88095/90981>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ANEXO A**Gaspar Pinto**

Um

Me chamo Gaspar Pinto.

Não sei se no mundo existem outras pessoas chamadas Gaspar Pinto. Não me levem a mal, mas Gaspar Pinto é o nome mais idiota que os meus pais poderiam pensar.

Se alguém se chama Robert De Niro ou Francesco De Gregori ou, ao menos, Andrea Grimaldi, tem a vida mais fácil. Mas alguém que se chama Gaspar Pinto, o que pode fazer? Pinto já não é grande coisa, mas se colocar um Gaspar na frente, é um desprazer.

Eu ia à escola com crianças que se chamavam Andrea, Roberto, Luca, Giulia, Laura, Valeria... alguns, ainda, Miriam e Eros.

Eu, Gaspar, porque meu avô se chamava Gaspar. Está bem, mas não era culpa minha! Eu recém tinha nascido, ou melhor, ainda deveria nascer... que grande culpa eu teria para carregar comigo uma marca do gênero?

Na primeira série, primeiro dia de escola, primeira chamada, ao nome “Gaspar Pinto” eu disse “presente” e ouvi as risadinhas das outras crianças e, intercalado, um sussurro “Gaspar... Gaspar...”. Me dei conta que começava mal, que tinha de ter provado alguma coisa com o meu nome, que arriscava me tornar a piada da turma só por causa do meu nome.

Existem nomes que se salvam com os apelidos. Annunziata vira Anny: bem charmoso, tem classe. Antioco vira Quico: é simpático e carinhoso. Quem conhece um Quico não pode ser senão uma boa pessoa... uma grande pessoa. Liberata vira Libby: é exótico. Se uma Libby tem a pele escura e os olhos claros, é amada por todos. Silvestro, que é definitivamente ruim de salvar, pode virar Silver: Silver é interessante, muito legal.

Mas Gaspar, como salvar? Gasp? Gasp? Gasparino? Rino? Gas? NÃO TEM COMO SALVAR. Nunca se salvará.

Eu continuei Gaspar... até que conheci a Clô.

Levando em consideração que a primeira marca na vida é o seu próprio nome, nos dias que se sucedem ao seu primeiro dia (o único no qual você é o centro das atenções e que seria um grande prazer se, pelo menos, você tivesse a possibilidade de estar ciente disso), nos próximos dias da sua vida chegam todos os outros marcos, os selos, os carimbos e, às vezes, as marcações a fogo, aquelas que não desaparecem. As marcações a fogo nunca são “ÓTIMO PRODUTO” ou “D.O.C.”⁶ ou “PRECIOSO”. Sempre são “PRODUTO VENCIDO” ou “VENENO” ou “WANTED VIVO OU MORTO”... ou muito pior.

Apenas quando você se torna adulto, (isso é, quando começa a duvidar se será um rockstar ou um campeão do esporte ou um grande escritor) você percebe que ser considerado uma boa pessoa é apenas uma proposição incidental inserida em um longo período no qual você é definido como “UM PEDAÇO DE MERDA”... se não houver problema.

Mas estou divagando.

Retornamos para o momento em que você é um jovem herdeiro da sociedade, a alegria do papai e da mamãe, o futuro e a esperança deles. Pois é então que acontece a coisa mais

⁶ Sigla italiana que significa *Denominazione di Origine Controllata* e, em português, Denominação de Origem Controlada.

importante da sua vida, aquela que te marcará para sempre, no bem e no mal. Essa coisa se chama EDUCAÇÃO. Pode ser boa ou ruim, doce ou severa, consciente ou inconsciente, mas te marcará para a vida.

Eu recebi uma educação fracassada.

Todos os adultos sabem que, na vida, se você não é babaca, você vive muito mal. Sabem disso porque sentem na própria pele, experimentam todos os dias. Mas é raro que um pai pegue o seu tão amado filhinho no colo e o diga “Amor do papai, vou te ensinar a ser babaca”.

Talvez agora não seja mais assim. Observando aquele tipo de criança terrível que fica te rodeando, vem a dúvida de que as coisas tenham mudado. Mas, no meu tempo, (droga, falei no meu tempo, como meu pai) as crianças eram educadas para serem boas, honestas, respeitadas, sinceras, capazes de sacrificarem-se por um ideal.

Se você se chama Gaspar Pinto e leva ao pé da letra a educação que recebe, se ela entra em você, permeia a sua pele, seus músculos, seus ossos e sua alma, o que você recebe é uma vida de otário, porque um Gaspar Pinto não é confiável.

Nunca.

Outro problema: a APARÊNCIA.

Para ter sucesso na vida, você precisa ser bonito ou, de qualquer forma, agradável. Conheço homens e mulheres realmente feios que são agradáveis porque têm qualquer coisa de bonito que sabem valorizar.

Eu, Gaspar Pinto, vim mal das pernas. Quando eu era criança, era baixo, magro, com um visual pouco interessante, cores pálidas, sorriso melancólico e tímido. Quando era adolescente não me tornei alto, mas longo; continuei magro, com músculos indefinidos... com um visual pouco interessante, cores pálidas, sorriso melancólico e tímido... e nariz comprido. Juntando nome, educação e um par de óculos naquele nariz, dava para entender muito bem, já àquela altura, o que seria da minha vida.

Não me tornei a piada da turma porque era tão pálido que, apesar do nome, passava despercebido.

Giuseppe Pavani, na primeira série, tirava meleca do nariz e limpava os dedos no avental. Estava sempre amarrotado e com o cadarço desamarrado, e a gola tinha uma cor indefinível. Fedia e era gago... e não aprendia a ler. Era a piada de todos. Atiravam bolinhas de papel nele com a Bic vazia, o empurravam e cantavam “Giu-giu-giu Pa-pa-pavani”.

Crianças não são anjos. Crianças são cruéis. Ingênuas, mas cruéis. Cruéis-sinceras. Quando adultos, viram cruéis-babacas.

Eu ficava chateado pelo Pavani. Tinha nojo do fedor e das melecas no avental, mas não dizia nada e não tirava sarro dele por isso. O professor me considerava uma boa criança, estudiosa. Colocou-o como dupla de classe comigo. Eu lhe ofereci um pedaço de sanduíche no recreio. Ele disse “O-o-obrigado”. Eu virava “Ga-ga-ga Pi-pi-pinto”. Ele, o meu primeiro amigo.

No ensino médio, me tornei o adolescente que já contei.

Alguns colegas de aula rodeavam as meninas. As meninas se viravam para olhar os babacas. Quanto mais babacas, mais atraentes, com poucas exceções. Eu me virava para olhar as meninas que se viravam para olhar os babacas.

Tinha gente pior que eu. Para alguns, ninguém dava bola, como Pavani, por exemplo, sempre meu companheiro de classe. Me davam um pouco de bola porque eu estudava e poderia passar as tarefas e ajudar, e não me exibia por isso. Mas era um interesse interessado. Estava em uma média cinza, nem um fodão, nem um merda: meia boca. Me consideravam bom e gentil, mas não era interessante para ninguém. Na maioria das vezes estava sozinho. Me chamava Gaspar Pinto.

Então, chegou a Clô.

*

Recreio. Terceiro ano do ensino médio. Outubro. Pátio. Eu, sozinho, luto para acender um dos meus primeiros cigarros, sentado em um murinho.

– Oi. Se importa se eu sentar aqui?

Clô.

Eu fico vermelho. Sempre ficava vermelho. Isso aconteceu por um tempo e continua acontecendo até hoje.

– Imagina – respondo.

“Imagina” é a minha resposta padrão. Sempre é.

– Eu sou a Clô. Me chamo Clotilde, mas é uma droga. Clô pelo menos é aceitável.

– Gaspar.

– Gaspar? Nossa, é pior que eu.

– Gaspar Pinto.

– Nãoooo... que loucura. Desculpa, não quero zoar você – e sorri.

– Imagina. Não é sua culpa se me chamo assim.

– Não conheço ninguém. Me transferi esse ano de uma outra escola. Tô no segundo ano.

– Eu no terceiro.

– Eu sei. Acendeu?

– O que?

– O cigarro.

– Tem vento.

– Eu acendo pra você.

Pega o cigarro e o fósforo e acende na primeira tentativa. Me passa. Eu trago e tusso. Ela finge que não viu nada.

– Me dá uma tragada?

Ela traga e não tosse.

Não falamos nada. Estamos sentados aqui, passando o cigarro. Ela sorri para mim algumas vezes. Eu, como de costume, não sei o que dizer. Queria dizer qualquer coisa interessante, como fazem os babacas que as garotas gostam tanto, mas não sou capaz. O cigarro termina e o recreio também.

– Vamos voltar – diz ela, – a filosofia me espera.

– Nós temos latim.

Do portão, ela vai direto para sua sala. Eu a observo enquanto se distancia. Ela pára e volta.

– Nos vemos na saída? – me pergunta.

- Ok – eu respondo e fico vermelho. Ela ri.
- Ok. Até depois, Pitty.
- Pitty?
- É melhor que Gaspar Pinto. Não é o máximo, mas contente-se.

- Que-quem é a garota que ta-tava falando com você no recreio?
- Ela se chama Clô.
- Fofa.

Sim, Pavani. Muito fofa. Pequena e morena, com cabelos curtos e olhos de gata... e quando ri, aparecem várias ruguinhas ao lado dos olhos que são as ruguinhas mais bonitas que eu já vi. Sim, Pavani, mas não exatamente fofa. Linda, na verdade. Linda, ainda em meus olhos, enquanto olho Pasquini que explica Suetônio e eu não entendo nada e não vejo a hora que acabe porque depois tem filosofia e depois saímos e nos veremos na saída.

- Por onde você vai? – ela me pergunta.
- Rua Gramsci. Nos correios, subo pela rua Nuoro. Moro ali.
- Bom, eu também moro por ali. Vamos pelo mesmo caminho.
- Eu tenho as pernas longas, ela é pequenina. Eu dou um passo e ela dá três.
- Pode desacelerar? – ela pede, depois de alguns minutos. Eu desacelero, mas agora ando muito devagar.
- Ó, escuta: eu pego você pelo braço, assim andamos na mesma velocidade. Enlaça o braço no meu e ri.
- Assim fica melhor – ela diz.
- Eu não digo nada. O contato do seu braço no meu me causa sensações que prefiro manter para mim.
- Antes morava em Cagliari e estudava no Dettori. O lugar era uma droga.
- Por quê?
- Porque no Dettori tem um bando de gente convencida que como elas não existe ninguém.
- Por isso que você mudou de escola?
- Não. Eu ia pra um outro ensino médio de Cagliari. Imagina só se viria pra Carbonia por causa de meia dúzia de meninos idiotas.
- Beleza. Fiz uma pergunta estúpida. Desculpa.
- Por que pedir desculpas? – Pára e me olha. – Me fez algo de ruim?
- Não – eu digo, confuso.
- Então não peça desculpas – diz, voltando a caminhar. – Meu pai foi transferido por causa do trabalho. Por isso estamos aqui.
- Eu moro aqui desde sempre – digo.
- Eu gosto do ensino médio daqui. Somos poucos. Nos conhecemos rápido. Notei que tem uns babacas, mas menos que em Cagliari.
- Não sei – respondo, – os babacas estão por todo lugar.
- Se não frequentou os lugares da “capital”, não pode saber em que nível se pode chegar – diz, rindo.

Vamos devagar e eu tenho a impressão que ela desacelera de propósito. Mas com certeza é só impressão minha.

– Quem é aquele garoto baixinho que está sempre com você?

– Quem? Pavani?

– Não sei... ele gagueja.

– Sim, Pavani. É um amigo meu. Nos conhecemos no fundamental.

– Ele é estranho... tá sempre olhando pro chão.

– Quando era criança costumava ser pior. Sempre zoavam ele porque gaguejava e... por outras coisas. Agora, em comparação, gagueja muito pouco.

– Sinto muito.

– Acho que sou seu único amigo.

– Agora ele vai ter que dividir você comigo – ela diz, e me olha nos olhos. Eu fico sem jeito.

– Eu moro aqui – diz, indicando um prédio cinza.

– Ah – digo, – já chegou.

Acho que não deveria ter dito aquele “já”, mas talvez ela não tenha notado.

– Você não gostou que já cheguei? – pergunta, sorrindo. Ela notou.

Estou encostado no muro.

– Um pouco – respondo, corando.

Ela ri.

– Amanhã você passa aqui pra me pegar? Assim vamos pra escola juntos.

– Beleza – digo eu. Sinto minhas orelhas em chamas.

– Às oito e quinze... exatamente aqui. Ok?

– Ok.

– Tchau, então. Bom almoço – e vai embora.

Nós viramos amigos de Clô. Vamos à escola juntos todas as manhãs, ficamos juntos durante o recreio, voltamos para casa juntos. Algumas vezes saímos juntos. Isto é, ela, eu e Pavani.

Pavani fica um pouco enciumado. Ele se incomoda de dividir seu amigo com uma garota.

Eu gosto muito do Pavani, mas que chatice! Está sempre no meio!

– Escuta, eu gosto muito da Clô.

– Dá pra ver.

– Gostaria de sair com ela algum dia.

– Já tá sa-saindo com ela.

– Quero dizer... só com ela.

– Ahhh, sim, tem razão... Bom, me a-avise quando quiser sa-sair com ela.

– Pensei nesta noite.

– Ah, ok. Não tem pro-problema.

– Tem certeza? Pensei em fazer um convite pra irmos ao cinema.

– No Centrale?

– Sim.

– Ok, nos vemos lá. Às seis fi-fica bom?

Dois

8h25min: entro na sala de aula. “Oi” digo a todos e a ninguém. O burburinho dos meus colegas se interrompe. Arrumo os livros na carteira e me sento ao lado de Pavani.

– Sabe o que estão dizendo por aí? – pergunta Corongiu, no silêncio. Ninguém deu um piu.

– Estão dizendo que o Pinto tem uma namorada.

– Óóó – de admiração prolongado de toda a turma, depois silêncio.

– E vocês sabem quem seria? – Ninguém deu um piu.

– A novata da 2A: Clotilde Murgia.

– Óóó – de admiração, depois silêncio.

– É bem fofa – continua Corongiu, – mas é filha de policiais... e talvez seja cega, também.

Uma gargalhada prolongada de toda a turma. Depois silêncio.

Eu fiquei de cabeça baixa o tempo todo. Pavani me olha, envergonhado. Estou ficando irritado... estou ficando irritado... estou ficando irritado... estou irritado.

Fico de pé e me viro para Corongiu, mas não dá tempo de abrir a boca, porque ele se antecipa.

– Mas tem uma coisa que o Pinto não sabe... Ela já tem um namorado.

Fico em pé igual a um otário, enquanto começam os mugidos dos outros.

Depois silêncio e o “Bom dia, professor” em coro.

– Bom dia – disse o professor Sanna, entrando. – Sentem-se.

Eu permaneço em pé.

– Pinto, o que houve? Tá com uma cara...

– O gato dele morreu – diz Corongiu.

Disse a Pavani que ficasse em casa aquela noite, trancado no quarto. Ele não protestou.

Estamos na rua Gramsci. Clô me arrasta para ver uma vitrine atrás da outra. Ela me conta que, quando era criança, escalava os móveis da cozinha para roubar biscoitos e derrubava tudo.

– Tenho um corte no joelho – e me mostra a cicatriz, sorrindo.

Eu sorrio e não sei se conto para ela. No fundo somos só amigos.

(Só amigos é o caralho... para mim, não é assim).

– Quando pensava em me contar? – pergunto, sério.

– O quê?

– Que tem um namorado.

– Não te disse? – ela pergunta, com a expressão maravilhada.

– Não.

– É tão importante pra você saber disso?

– Sim.

– Por quê?

O discurso não deveria ter andado assim. Nos meus pensamentos, imaginei tudo diferente. Agora sou eu o encurralado. Eu, encurralado, fico irritado.

– Porque... me diz se é verdade.

– Pitty, verdade o quê?

– Se tem um namorado.

– Está tendo uma quedinha por mim? – ela pergunta, sorrindo.

(Claro que estou tendo uma quedinha por você... começaram a tirar a maior onda comigo na aula por causa disso. Fiquei feito um dois de paus quando Corongiu espalhou a notícia.)

– Não... só quero saber – eu respondo.

– Sim, tenho um namorado. Ele se chama Stefano, tem 23 anos e mora em Cagliari. O pai tem uma empresa e ele estuda economia. A família está muito bem, de dinheiro, digo, e ele é incrível.

– Te ama?

– Sim, muito.

– E você... você ama ele?

– Eu também, com certeza. Gosto muito dele... joga tênis... você deveria conhecê-lo.

(Deveria conhecê-lo? Deveria me esconder só por ter pensado que uma garota igual a Clô pudesse se interessar por mim. Por mim! Como poderia eu competir com alguém do gênero: bonito, rico, incrível... ah, ele também joga tênis... eu não sei jogar nem rouba monte... o pai dele tem uma empresa... meu pai é da classe operária, droga).

– Bem, agora eu sei – digo.

Ela ri.

– Por um segundo pensei que tivesse ficado com ciúmes de mim.

– Nós somos apenas amigos – garanto.

Ela me beija na bochecha.

– Sim. Amigos.

– Como foi?

– Pavani, deixa quieto.

*

– Nós não devemos entrar em greve. Não podemos entrar em greve por solidariedade. Existem sindicatos pra defender os trabalhadores. Nós devemos estudar.

O Corongiu é um baba-ovo. Ele fala olhando para Pasquini, sentada na primeira fila, que concorda com a cabeça. Alguém assobia. Eu acho que escolhemos um “líder estudantil” de merda.

Peço a palavra. O Corongiu me olha, maravilhado. Fico de pé.

– Existem oitenta operários que correm o risco de perder o trabalho. Os dirigentes da fábrica não estão nem aí, nem os políticos. Eu creio que seria justo entrar em greve. Que impacto vocês sentiriam ao saber que, de um dia pro outro, o pai de vocês foi demitido? Vocês gostariam que isso acontecesse?

Algum comentário de aprovação. Eu me viro e vejo que Clô me olha.

– Meu pai é engenheiro – responde Corongiu, – ele trabalha e não perde o cargo. E não me interessa se meia dúzia de operários comunistas vão pra casa. Aprendam a trabalhar.

– Meu pai é operário e sabe trabalhar – eu grito, – e vê se respeita quem não tem tanto dinheiro quanto você.

Começa uma pequena confusão. Clô fica de pé e me aplaude. Eu me sinto um herói.

Pasquini se levanta e vai pro lado do Corongiu.

– Garotos – diz, calma, – um pouco de silêncio.

Ela consegue. Pasquini é ótima, é firme. Talvez seja fascista, mas tiro o chapéu.

– Cada um de vocês é livre para fazer o que quiser. Se quiser entrar em greve por solidariedade com aqueles operários, que seja. Nós, como corpo docente, devemos levar em conta, acima de tudo, aqueles que têm a prova de conclusão do ensino médio esse ano.

Pasquini é uma babaca. Ótima, firme, fascista e babaca.

Entramos em greve entre quatro: eu, Clô, Pavani e uma garotinha do fundamental, Patrizia Salvi. Ficamos de fora, enquanto o restante dos 180 estudantes da Escola de Ensino Médio A. Gramsci entram regularmente nas salas de aula. Olhamos para eles com ar de provocação, de raiva e de perda. Depois vamos para a passeata.

O resultado é “10 dias de suspensão com obrigação de frequência” e “7 em conduta” no boletim do primeiro trimestre.

(Ok, somos apenas amigos. Mas por que, quando te disse que sentia muito pela sua suspensão, você me respondeu “Pitty, com você até no fim do mundo!” e me beijou nos lábios? Eu posso parecer das antigas, mas um beijo nos lábios é sempre um beijo nos lábios... tá bem, sem língua, lábios fechados... mas...).

O Pavani acha que se eu insistisse um pouco, ela mudaria de ideia, ou seja, ele diz:

– Ela mandaria o namorado à me-merda.

Mas o que o Pavani sabe sobre garotas? Eu deveria ouvir a opinião de um babaca, mas não tenho amigos babacas, graças a Deus... apesar que seria bem útil, realmente.

Enquanto isso, depois da greve, Patrizia Salvi me faz uns olhinhos. Talvez estivesse fazendo antes, até, quem sabe. Ela me cumprimenta de longe e fica vermelha quando falo com ela. Clô também notou, e fica me zoando por causa disso.

– Ela tá te olhando... vai, tá te olhando.

– Sai fora, Clô.

– Por que não cumprimenta ela?

– Clô, ela tem quinze anos. É uma criança.

– Não me parece uma criança.

– Bom, uma garotinha...

– Você me diz isso, que não olha pra ela, porque tem olhos só pra mim.

Eu fico vermelho.

– Sai fora.

– Ahh, ficou vermelho. Consegui mais uma vez.

*

Já estiveram em Carbonia no verão? Bom, não venham. Carbonia é muito quente no verão. Você pode imaginar o calor mais insuportável, mas você não entende, porque Carbonia,

no verão, é muito mais quente do que qualquer pensamento possível de calor. O calor durante minha prova de conclusão do ensino médio me fazia suar até ao abrir os olhos.

Clô decidiu que me ajudaria a estudar. Me faz perguntas sobre latim e história, as matérias que farei na prova. Ela é severa e exigente. Minha mãe nos enche de bebidas e sorvetes. Ela é simpática com Clô.

– Finalmente traz uma garota em casa – diz.

E eu digo:

– Mãe, ela namora.

– Mas não é casada – responde.

Meu pai não diz nada. Olha TV e bebe orzata.

– Queria que você reprovasse – me diz Clô, certa tarde. Está com uma expressão séria.

– Quê?

– Sim, reprovasse. Assim, ano que vem, estaríamos na mesma turma.

– Não posso fazer isso, Clô.

– Teria a coragem de me deixar um ano inteiro sozinha?

– Bom, você quer isso mesmo?

– Estou brincando, seu tonto. Você sempre cai nessa. Deve fazer uma prova dos Deuses: sessenta de sessenta e o beijo da Pasquini!

– Eu entendi que você tava brincando – resmungo, mas acho que não era tudo brincadeira. Não tudo.

As provas escritas vão bem. Italiano, o tema que esperava. Grego, Aristóteles. Fácil.

No dia das provas orais, na primeira fila temos a Pasquini, o comissário interno, a Clô, o Pavani (brilhante interrogação no dia anterior, sem gaguejar) e, no fundo da sala, a Patrizia Salvi.

– Gaspar Pinto.

Me sento de frente à comissão. A Presidente, uma baixinha, gorda, com os cabelos loiro-acinzentados e dois olhos de boi, monitora os papéis.

– Ah, 7 em conduta no primeiro trimestre. Por quê?

– Uma greve – eu respondo.

– Por causa do sistema de aquecimento da escola?

Era o motivo mais comum de greves no inverno.

– Não. Em solidariedade aos operários demitidos. Entramos em greve entre quatro alunos.

– Parabéns pela coragem.

– Obrigado.

– Vamos falar de Apuleio?

Falo de Apuleio, depois de Petrônio. Puxam Orazio e eu começo a falar da sátira. Depois se discute sobre métrica e, no final, dizem que basta. Passamos por história e a “questão meridional”. Terminamos falando de política e começo a discutir sem meias palavras com o tal “professor Calistro”, que eu aposto que é democrata-cristão... e também mafioso.

– Está bem – diz, no final, a Presidente – é suficiente.

Me levanto e ela aperta a minha mão.

– Parabéns, ótima prova. A professora Pasquini tinha razão ao seu respeito.

– Você deu uma surra neles – diz Clô, pulando em volta de mim. Estamos no pátio.
Pavani sorri, satisfeito.

– Bravo, Pinto.

Pasquini se aproximou e me estendeu a mão. Cumprimento ela.

– Ficou com sessenta e mereceu.

Depois me beija nas bochechas e volta pra dentro, sorrindo.

– Viu – grita Clô, – o que eu te disse? – e me abraça.

Para os murais. A lista dos nossos nomes, em ordem alfabética: Pavani 54/60; Pinto 60/60.

Grande Pavani. Esperava que tirasse uns 40. Fico mais feliz por ele do que por mim.

Vamos comemorar no Bar Gaggy, como nós chamamos. Está aí uma coisa para fazer em Carbonia: ir ao Bar Gaggy. O cappuccino que fazem lá é de outro mundo! As massas, o maior deleite.

– Então? Projetos para o futuro? – pergunta Clô.

– Eu vou me ins-inscrever pra Direito – diz Pavani.

– Se quiser ser advogado, tem que parar de gaguejar – aponta Clô.

– Vou parar, já tô fazendo muitos exercícios.

Ela sorri para ele, com ar maternal.

– E você? – me pergunta – Não mudou de ideia?

– Não. Vou cursar Letras Clássicas com ênfase em Arqueologia.

– Vai ter que ir pra Roma. Vai ser uma grande despesa.

– Tenho um tio que mora lá. Vou ficar com ele. Disse que me recebe tranquilamente e, em troca, precisa só de um pouco de ajuda no seu restaurante. Ele e a mulher têm um pequeno restaurante onde se pode comer à moda da Sardenha. Eles não têm filhos.

– Então vai estudar e trabalhar?

– Acho que sim.

– E não vai estar na Sardenha pro meu último ano no Ensino Médio – diz Clô, triste.

– Vou te escrever – eu prometo.

Ela continua com a expressão triste.

– Não é a mesma coisa – diz.

– Vamos, ainda temos um verão inteiro.

– Segunda vou pra Cagliari como hóspede dos pais de Stefano. Vou passar o verão com eles, na casa de praia.

Agora eu também tenho uma expressão triste.

Pavani nos olha e faz aquilo que se espera de um amigo.

– Eu tenho que ir. Hoje é por minha conta. Fiquem um pouco mais.

Ele levanta, vai no caixa e nos dá tchau, acenando com a mão, saindo. (Pavani, você aprendeu sobre discrição em apenas um ano de escola!)

– Não tem nada que te prende aqui? – pergunta Clô.

É uma pergunta direta, ou quase. Por que as perguntas diretas me assustam tanto?

– Esperava que tivesse – respondo.

– Não tem?

– Não... você vai pra Cagliari.

– Eu namoro – ela se justifica.
– Eu estou apaixonado por você – eu respondo e mal consigo acreditar que consegui dizer isso.

Clô me olha e não sorri.

– Eu sei. Você não deveria.

– Não são coisas que se decidem.

– Eu namoro.

– As coisas podem mudar, se quiser mudar.

– Eu não quero mudar.

– Certo – eu digo, – ele é o cara certo e eu, o errado.

– Não é isso.

– E então o que é? – pergunto, irritado – A empresa do pai dele? O dinheiro? A casa de praia? O tênis?

Agora Clô me olha com tristeza.

– Você não deveria dizer isso.

Ela levanta. A minha raiva se acalma em um amém.

– Espera.

Também me levanto e estamos um de frente para o outro. Deveria usar as palavras certas, que servem para este momento, mas não sei quais são. Estou quieto.

– Você é um idiota – ela diz, por fim, e se vai.

Em outubro, de Roma, escrevo uma carta a ela. Não me responde.

No ano seguinte, se formou.

Soube, por Pavani, que se casou...

... vai tomar no cu.

Três

Da janela olho o pátio e os garotos que chegam, como todas as manhãs. O céu está tranquilo e os eucaliptos estão parados; não cedem ao vento dos últimos dias. Hoje não tem vento. É o verão dos mortos.

Saí vestindo apenas o casaco, aquele velho casaco que Giulia, quando o via, sempre dizia:

– Mas por que você não joga isso fora?

Agora não me diz mais isso. Três anos se passaram.

Hoje sinto que estou envelhecido. Vai ver é verdade, vai ver novembro me deixa triste. O vidro reflete a minha imagem: um homem calvo, de óculos e um casaco azul; um homem que queria ser arqueólogo e que acabou por ensinar latim e grego no Ensino Médio onde estudou.

O sinal toca e, na sala dos professores, entra, ofegante como sempre, Patrizia Salvi.

– Ei, colega. Tá com a cabeça na lua?

Ela ensina História da Arte e está aqui faz um ano.

– Oi. Tava pensando.

– No quê?

– No rumo das coisas.

Ela se aproxima de mim.

– As coisas andam como devem andar. Você, agora, deve ir pra aula.

– É – sorrio e pego as chamadas.

– Tenha um bom dia – digo.

– Bom dia pra você também – ela responde.

Cursar Arqueologia era bem caro. Um filho de operário não poderia se dar ao luxo de trabalhar de graça. Certo dia, quando meu pai, na fábrica, caiu com uma mão sobre o peito e faleceu em um minuto, precisei voltar.

Comecei a trabalhar como professor substituto pela Sardenha. Depois, como professor de línguas no Ensino Médio.

Conheci Giulia na casa de amigos.

Alta e magra, com uma carinha doce, era pediatra, amava as crianças. Foi um amor sereno, lento. Talvez não tenha sido um amor como eu sonhava, talvez tenha sido um apoio mútuo, mas mesmo assim era doce. Ela amava as crianças, mas não teve nenhuma, nós nos éramos suficientes. Crescemos juntos.

Quando ela adoeceu, disse que sentia muito, mas que iria embora logo e que eu deveria continuar sozinho.

– Lembre-se de todas as contas, do condomínio e de mim – me disse, um dia antes – e joga fora aquele casaco.

Não esqueço de nada desde que vivo sozinho, mas o casaco não joguei fora.

No primeiro ano do Ensino Médio há um garoto que me faz refletir. Foi transferido esse ano, é repetente. Quantos garotos são transferidos, atualmente... vão pulando de uma escola para outra, seguindo os pais em busca de emprego. “É a crise”, dizem todos. Até eu percebo, com meu salário cada vez mais apertado.

Se chama Jacopo, esse garoto, Jacopo Scanu. É pequeno, magrela, com um rosto que parece estar sempre perdido. Na aula, dá uma de durão e as garotas gostam dele, mas não faz nada para agradar; quase parece que sente um incômodo ao ser simpático. E não estuda.

Falei sobre ele com a Patrizia Salvi.

– Ou é um babaca e daí não podemos fazer nada, ou decidi bancar o babaca e daí, talvez, possamos ajudá-lo – foi a sua resposta resumida.

Agora estou explicando Catão e ele fica mexendo no celular. Me viro, zangado.

– Scanu.

– Sim?

– Terminou?

– Quase – ele responde, e continua no celular.

– Celulares desligados durante a aula. É a regra.

– Era uma mensagem importante.

– Não era importante agora.

– Não estou nem aí pra Catão.

– E nós não estamos nem aí pras suas mensagens.

– Latim é uma idiotice – ele diz.

– *Graecia capta, ferum victorem coepit et artes intulit agresti latio* – respondo.

Ele me olha, confuso. Esperava meus gritos, recebeu uma citação.

– Tradução livre – continuo eu: – a Grécia subjugada subjugou o seu feroz vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio.

Ele me olha, desliga o celular e o coloca no bolso.

– Ok – diz, com má vontade, – desculpa.

Um a zero, eu penso, continuando a aula; mas é apenas o começo.

*

– O que vai fazer no Natal?

– Não tenho nenhum plano.

– Por que não vem aqui em casa algum dia? Lucia e os garotos ficariam contentes em ver você aqui.

– Vou pensar.

– Gaspar, vamos. Não pode ficar sozinho no Natal.

– Vou incomodar vocês. Não sou uma boa companhia.

– Vai tomar no cu, corno, inventa outra. O quarto de hóspedes está pronto. Mexe esse rabo e vem.

O Pavani é o meu amigo de sempre. Virou advogado, tem um escritório em Cagliari e é excelente... e não gagueja mais.

Vou para a casa dele no Natal, no fim das contas. Todos fazem uma festa quando chego. Levo um monte de presentes e acabo me sentindo um velho tio que voltou para casa por causa das festas de final de ano.

– Deveria recomeçar a viver – me diz Pavani. Estamos na rua, depois do jantar. O seu cachorro mira em cada carro estacionado para fazer xixi nos pneus, eu fumo um cigarro.

– Me sinto velho, Giuseppe.

– Temos 50 anos – ele diz, – não somos velhos ainda.

– Você construiu tanta coisa. É um ótimo advogado, tem uma linda família. Eu não fiz nada de importante na vida.

– O seu trabalho é importante – ele me diz.

– Ensinar latim e grego pra garotos que estão pouco se fodendo pra isso?

– Ensinar garotos a pensar, mesmo se estão pouco se fodendo pra isso.

*

Nos primeiros anos eu gostava de fazer as “reuniões” com os pais. Me parecia um momento importante. Falando com a Giulia, o definia como “o momento no qual a família e a escola se encontram e colaboram, juntas, para o bem das crianças”. Ela dizia que eu era um pouco retórico, eu respondia que quando falava dos seus pequenos pacientes me lembrava do livro *Coração*, de Edmondo de Amicis. Ela ria e tocava meu nariz com o indicador... era um dos seus gestos de afeto que me faz muita falta.

Com o passar dos anos, as coisas mudaram, os pais mudaram ou, talvez, eu tenha mudado. Agora, fazer “reuniões” me parece a coisa mais inútil do mundo, igual esvaziar o oceano com uma colher de chá.

– Senhora, sua filha não estuda muito. É ótima e esperta, mas se distrai e está sempre pensativa. Podemos ajudá-la de alguma maneira?

– Que nota ela vai receber?

– Como?

– Ela vai receber uma nota suficiente?

– Sim.

– Então basta. O senhor cuida disso. Os problemas da minha filha não são tarefas suas.

– O Ignazio gostaria de cursar Filosofia. É uma matéria pela qual ele é fascinado.

– Ignazio vai cursar Engenharia. Não precisamos de filósofos, não se ganha dinheiro com isso. Meu filho tem que ganhar dinheiro, não tem que perder tempo falando do sexo dos anjos.

– Os pais de Mereu não vieram? E de Pillai? E de Vargiu? Ninguém. Senhor?

– Eu sou o pai do Serra.

– Por favor, sente-se.

– O senhor é o professor Pinto, certo?

– Sim.

– Não quero falar com o senhor, latim e grego não me interessam. Quero falar com o professor de Educação Física. Por que não coloca meu filho no time? Meu filho é ótimo no basquete. Por que está sempre no banco?

... esvaziar o oceano com uma colher de chá...

Faltam cinco minutos, então esse tormento acabará. Depois vou para casa, ligo a TV e como uma pizza.

– Oi, Pitty.

Clô.

Eu sei que é ela, mesmo com a cabeça baixa. Reconheço-a por causa daquele Pitty que não escutava há mais de trinta anos.

Olho-a. É ela. Sorri e vejo as ruguinhas ao lado dos olhos, que são as ruguinhas mais bonitas que eu já vi. Então ela pára de sorrir e as ruguinhas permanecem, porque o tempo também passou para ela. Está sempre muito linda, porém.

– Clô – digo e fico em pé. Revivo tudo em um instante. Pego sua mão e ela faz aquela cara de pirralha que sabe fazer tão bem.

– O que faz aqui?

– As reuniões, Pitty. Eu sou a mãe do Jacopo Scanu.

O zelador nos mandou embora dizendo que o horário das entrevistas já havia acabado há um tempinho. Nos encontramos sentados no Bar Gaggy. Ela toma um chá, eu, uma bebida qualquer.

– A última vez nos vimos aqui – eu digo.

– É. Terminou bem mal.

– As coisas andam como devem andar.

– Ou como nós as fazemos andar... Então, me fala do Jacopo.

– É um garoto difícil, Clô. Talvez estejamos engrenando agora. Ele tem um raciocínio rápido, é esperto, mas se comporta como se quisesse matar tudo aquilo que tem de bom. E dá pra ver nos seus olhos que é bom, por dentro.

Clô abaixa os olhos e fica ali, pensando.

– Ele me disse que mora com os avós – continuo.

– Sim. Eu vou me transferir definitivamente no mês que vem. Abriremos uma loja de roupas com uma amiga. Vou voltar pra Carbonia.

– Ah – eu digo. Nada mais.

– É minha culpa se Jacopo é assim.

– O que aconteceu?... Se quiser me dizer.

– Aconteceu que eu estraguei tudo, Pitty. O meu casamento foi um fracasso. Talvez eu fosse muito nova, talvez muito estúpida. Depois que Viola nasceu... Viola é minha filha, sabe, mora em Roma agora... as coisas correram mal. Stefano e eu nos tornamos... Se lembra quando eu te dizia quantos babacas tinham na “capital”?

– Sim.

– Pois é, nós fomos ficando assim ou, talvez, sempre fomos e eu nunca me dei conta. Ele começou a me trair e eu fiz o mesmo. O casamento virou só aparência. Jacopo foi a tentativa de ajustar as coisas... “vamos ter um filho, pra recomeçar”... estúpido, não é?

– Sim, Clô, estúpido.

– Não recomeçamos nada. Pensei que seria justo ficarmos juntos por Jacopo até que crescesse, mas foi pior. Foi pior pra ele. Me separei há um ano.

– Sinto muito.

– Bom, te contei a triste história de Clô – ela diz, com um leve sorriso.

– Vou procurar ajudar o seu filho, te prometo.

– Obrigada.

– Imagina.

Voltando para casa, penso que Clô não perguntou nada de mim. Penso, também, que ter um filho para ajustar as coisas não é só estúpido, é cruel.

– Prof?

– Fala, Scanu.

Ele me chamou de “prof”, como fazem os seus colegas. É a primeira vez.

– Minha mãe veio às reuniões, é verdade?

– Sim.

– Ela me disse que o senhor falou bem de mim.

– Isso também é verdade – respondo.

– Por quê? Eu sempre faço o senhor se desesperar nas aulas.

– Porque você é um garoto bom, Scanu. O seu problema é que quer ser babaca a todo custo, mas não é.

– Eu sou o que eu sou – ele responde, com ar de provocação.

– Claro. Mas também é o único que não entendeu o que você é.

Quatro

Recebi o convite para a inauguração da loja de Clô. Eu fui e agora estou arrependido. Toda a nata da cidade está aqui, ou seja, todos os idiotas. Clô está super elegante usando um vestido azul e faz as honras da casa com muita graça. A sua amiga, em comparação, parece um lustre. Um padre também está aqui, alto e gordo, sorri com os dentes cerrados e parece tão confortável quanto um penico no meio da mesa de centro. Eu me aproximo.

– Se sente como eu? – pergunto.

– Odeio essas situações – diz, – vim por cortesia, mas vou fugir assim que der.

– Alergia à nata?

– A mesma do senhor – sussurra. – Imagine que voltei da África há dez dias. Lá, eu era Vanni e andava sem camisa. Aqui eu sou dom Mereu e esta droga de colarinho me dá bolhas.

Clô me chama.

– Boa sorte – digo.

– Pro senhor também – ele responde.

– Vem aqui fora um segundinho e me oferece um cigarro.

Estamos na rua e está frio. Tiro meu casaco e o coloco sobre os ombros de Clô.

– Quero te dizer uma coisa.

– Diga.

– Jacopo só fala de você.

– Sério?

– Sim. Prof lá, prof aqui... Pinto disse isso e aquilo... Você encontrou uma oportunidade.

– Continuo tratando ele como sempre.

– Como assim?

– Como alguém que tem que aprender a pensar.

– Talvez seja por isso... Está gostando da festa?

– A festa? Ó, sim.

Ela ri.

– Veio só por minha causa, mas fugiria pro Monte Sirai com prazer, não é?

– Para, vai, não... Como você percebeu isso?

– Dá pra ver na sua cara, bobinho.

*

Aqueles três eu já vi. Eles vêm aqui de vez em quando. Ficam nos portões, conversam com os garotos no recreio, depois vão embora. Agora conversam com Jacopo. Noto-os por isso.

– Patrizia, vem aqui um pouquinho.

Ela se aproxima da janela.

– O que foi?

– Conhece aqueles ali?

– Aqueles que estão falando com o Scanu?

- Sim.
- Poxa, acho que não.
- Já vi eles algumas vezes. Sempre aqui.
- Devem estar namorando com alguma das nossas alunas.
- Pode ser, mas não sei... não vi eles com nenhuma das alunas.
- Está preocupado porque tão falando com o Scanu, não é? – ela pergunta.
- Me preocupo e basta.

Ela suspira.

– Quando o filho de Clotilde Murgia está no meio, o professor Pinto se alerta rapidamente...

- Sabia que você iria dizer isso.
- Falei porque é verdade, senhor “Não sei fingir”.
- Mas você veio aqui pra criticar?
- Você que me chamou, velho caduco... Tá, eu também vou ficar atenta, tá bom assim?
- Sim. Obrigado.

– Bom, Scanu, é suficiente.

Scanu volta para a classe. Me falou de Júlio César e do *De bello gallico* como se cantasse. Também fiquei maravilhado.

– Qual nota deu pra ele, prof? – pergunta Valeria Orrù. Essa garota se derrete pelo Jacopo.

– O que te interessa? – respondo. É sempre a mesma história quando alguém vai bem na prova oral.

– Vamos, que nota deu pra ele, prof? – perguntam todos.

Sorriso.

– Uma ótima nota – respondo – e não saberão mais que isso.

Mas Jacopo não sorri e está de cabeça baixa.

– Tem algo errado? – pergunto a ele na saída, longe dos outros.

– Não, prof, nada.

– Certeza, Scanu?

Ele balança a cabeça.

– Nada relacionado à escola.

– Na família?

– Não são assuntos seus, prof, desculpe.

Eu me rendo.

– Certo, você tem razão.

Ele começa a se afastar e pego-o pelo braço.

– Se precisar de alguma coisa ou de alguém, sabe onde me encontrar – digo.

– Ok.

Eu o observo enquanto se afasta e sacudo a cabeça. Depois vejo que a zeladora está me vigiando.

Aqueles três voltaram várias vezes em uma semana, e ficavam ali, de novo, conversando com o Jacopo. Patrizia que me fez notá-los.

- Eu não gosto dessa história.
 - Talvez sejam amigos dele – ela diz.
 - Parecem amigos pra você?
 - Não, sinceramente, não.
 - Ontem corriji as tarefas de grego. O Scanu foi péssimo.
 - Não me parece que seja um gênio em grego escrito.
 - Mas nunca fez uma porcaria parecida e era uma tarefa fácil.
 - Você está pensando em algo muito ruim, não é?
 - Sim, Patrizia, em algo muito ruim.
 - Por que não fala sobre isso com Clô ou com o diretor?
 - Quero ter certeza primeiro. Vou falar com o garoto.
- Ela se aproxima de mim e acaricia minha bochecha.
- Queria ser uma boa professora como você.
 - Não me pegue como modelo, não valho tanto.
 - Esse sempre foi o seu problema, colega.
 - Qual?
 - Pensar que não vale nada – me diz, saindo.

Permaneço na janela, observando. Estão sempre ali e falam baixinho. Então vejo um gesto: duas mãos se encontram e Jacopo coloca algo no bolso.

Tenho uma hora livre. Pensava em ir ao mercado fazer as compras, mas mudei de ideia.

- Entre.
- Abro a porta da sala.
- Oi, Mario. Bom dia, garotos.
 - O que aconteceu, Gaspar?
 - Vou precisar roubar o Scanu por dez minutos. Não vai explicar nada hoje, não é?
 - Não, hoje só tem prova oral.
 - Bem, se deve fazer a prova justamente com o Scanu, perdoe-o hoje.
 - Tava pensando em fazer isso, mas vou fazer na próxima vez – responde, perplexo.

– Obrigado, prof, você me salvou – diz Jacopo, fechando a porta. – O que tá acontecendo?

- Vamos no pátio – lhe respondo.
- Nos sentamos no murinho, perto da quadra de basquete.
- Aconteceu alguma coisa? – pergunta.
 - O que te deram?
- Ele empalidece.
- Quem?
 - O que te deram, Jacopo? – repito.
- Ele faz menção de se levantar.
- Não sei do que está falando.
 - Nem tente. Que porra tem no seu bolso?
 - Não é da sua conta – ele grita.

– É da minha conta sim, imbecil. É da minha conta, da sua mãe, da escola e da sua – eu também grito.

Jacopo está prestes a chorar. Tem os olhos perdidos e não sabe mais o que dizer.

– Me dá aqui – e estendo a mão. Ele enfia a mão no seu bolso e tira um saquinho.

– Quanto pagou?

– Não paguei. Eles me disseram pra vender, que assim dariam a minha parte.

– Quanto custa? – pergunto. Ele me diz. Lhe dou o dinheiro.

– Amanhã diga que vendeu, que é a primeira e a última vez, que não precisa de dinheiro.

Ok?

Ele não responde.

– Ok?

– Ok.

– Eu estarei ali perto. Não vai me ver, mas estarei, caso aconteça qualquer coisa.

– Combinado.

– Bem. – Faça ele levantar. – Agora vamos voltar pra sala, mas primeiro vamos jogar essa coisa no vaso.

Tudo ocorre conforme o previsto. Observo Jacopo que entrega o dinheiro, um dos três diz alguma coisa e Jacopo faz “não” com a cabeça; um deles ainda fala, Jacopo diz “não” e o fulano empurra ele para longe. Depois vão embora, indiferentes.

Dou um grande suspiro. Bendito garoto, penso. Perco-o de vista por um momento e então vejo-o entrar na escola. O intervalo ainda não terminou. Sigo-o e encontro-o sentado na sua carteira, na sala de aula deserta.

– Foi, prof – ele me diz.

Eu me aproximo.

– Me explica por que você fez uma merda tão grande assim?

– Não sei – ele me responde.

– Procura descobrir rápido, idiota.

– Não vai contar pra minha mãe, não é? Por favor.

– Prometo que não contarei a ninguém, até que você encontre coragem de denunciar aqueles bastardos. Lembre-se: na próxima vez não vou te acobertar, ficou claro?

Ele se levanta e vem até mim. Então faz uma coisa que eu não esperava: me abraça forte e começa a chorar.

Os outros garotos e a Schiffini, professora de matemática, nos encontram assim. Eu murmuro uma desculpa.

*

Dez dias se passaram. Jacopo não dissera nada a ninguém, mas ainda lhe dou tempo. Atravessando a rua Gramsci vejo Clô, pouco distante. Cumprimento ela, mas ela não me vê. Penso que não posso contar nada para ela enquanto Jacopo não se decidir.

No primeiro período devo explicar Virgílio no segundo ano. Amo Virgílio, não tanto a *Eneida*, mas as *Bucólicas*; estão entre as coisas mais lindas já escritas. Não consigo nem iniciar.

– Professor, o diretor tá te procurando.

- Muito obrigado – digo à zeladora. A zeladora está com uma cara estranha há uns dias.
- Garotos, se comportem, hein? Eu já volto.
 - Sente-se, Gaspar. – Nos tratamos por “você”. Nos conhecemos há tantos anos. Eu me sento de frente para ele.
 - É uma questão um pouco delicada.
 - Me diga.
 - Ele bate com os dedos sobre a escrivaninha. Vejo que não sabe como começar.
 - Aconteceu algo grave? – pergunto.
 - É que... é que... a mãe de um aluno tá preocupada com o filho. Penso que o Jacopo decidiu falar.
 - Continue – eu digo. – O garoto fez alguma coisa?
 - Não exatamente. Digamos que, talvez, tenham feito alguma coisa com o garoto. É menor de idade.
 - Não entendo.
 - Vou explicar melhor. A mãe do garoto tá preocupada com as atenções voltadas ao seu filho... e, francamente, eu também.
 - Observo-o e continuo sem entender. Não entendo, principalmente, por que vem dizer isso para mim.
 - Quer dizer que algum adulto, na escola, dá atenção particular ao garoto?
 - Exatamente isso. Você não sabe de nada?
 - Não, mas me parece impossível.
 - É a mãe de Jacopo Scanu que tá preocupada – ele diz, – e o adulto em questão é você.
 - O que?
 - Gaspar, fui informado que viram você muitas vezes com o garoto, vocês dois a sós, no corredor, na quadra de basquete, no pátio; viram vocês saírem juntos do banheiro e... abraçados na sala de aula.
 - Você tá brincando, certo?
 - Não. Você tem alguma explicação pra tudo isso?
 - Claro que posso explicar – eu digo, – mas não agora... é algo que diz respeito ao garoto e prometi a ele que não falaria a ninguém até que ele mesmo falasse.
 - Entendo – diz, presunçosamente.
 - Não, você não entende nada mesmo.
 - Escute, Gaspar. Tive que chamar a mãe e explicar-lhe os fatos.
 - Mas quais fatos?
 - Não me interrompa. O garoto é menor de idade e não deve ser envolvido. A mãe, no momento, não fará nenhuma denúncia e eu vou procurar entender o que tá acontecendo.
 - Denúncia?
 - Aconselho você a tirar uns dias de licença. A partir de amanhã. Já tenho um substituto.
 - Já decidi tudo – eu digo, atônito.
 - Não poderia fazer diferente. Agora, volte pra aula.
 - Eu me levanto da cadeira. Preciso me apoiar na escrivaninha, porque me sinto um pouco tonto.
 - Você acredita nessa história, não é? – eu lhe pergunto.
 - Volte pra sala de aula, Gaspar.

Ele diz apenas isso.

Cinco

Não consigo mais dormir, Giulia. Vou para a cama e continuo pensando, reconstruindo cada gesto e cada palavra: a zeladora me observando, a Schiffini entrando na aula, a Clô sem responder meus cumprimentos.

Revejo aquele saquinho deslizando no vaso e indo embora com a descarga, e o Jacopo me abraçando e chorando.

Repito toda aquela conversa absurda com o diretor, palavra por palavra.

Penso que estou sonhando e que acordarei e será um belo dia e isto é apenas um pesadelo. Talvez, quando eu acorde, você esteja aqui e o pesadelo, depois de três anos, termine.

Tentei ligar para a Clô e ela não atende. Mandei-lhe inutilmente uma mensagem. Na loja, encontrei apenas a sua amiga. Toquei o interfone e ninguém respondeu.

Agora estou em casa há três dias. Não tomei banho, estou com a barba grande. Me olhei no espelho e estou com um aspecto de dar medo.

Penso que talvez tenham razão: estou doente da cabeça.

Giulia, talvez você também ficasse com medo de mim neste momento.

Liguei a TV. Está passando um programa de televentas: uma engenhoca que tritura, rala, esmiúça qualquer coisa... esmiuçaria o meu cérebro e depois o jogaria ao vento, no mar. O programa de televentas termina e recomeça outras vezes, sempre igual. Continuo olhando, sentado na poltrona. Talvez eu esteja com fome... talvez tenha uma maçã na geladeira... talvez.

*

Às sete da noite toca a campainha. Patrizia.

– Não seja estúpido. Me deixa entrar ou derrubo a porta.

Não tenho forças para me opor.

– Veio ver o pedófilo? – eu pergunto.

– Senso de humor do caralho. – Ela diz – Está piorando, colega.

Ela está com meia dúzia de sacolas cheias penduradas nas mãos.

– Você tem a intenção de me ajudar ou quer ficar coçando a bunda um pouco mais? – me pergunta, rápida. – Fiz compras pra você. Apostei comigo mesma que não tinha nada em casa.

– Venceu o prêmio abacaxi do ano – digo.

Ela desliga a TV e escancara as janelas.

– Isso aqui está fedendo a merda e cigarro.

De uma sacola retira um frasco de xampu e uma pasta de dentes.

– Vai tomar um banho, você tá fedendo.

Eu obedeço.

– Escove os dentes também – grita, atrás de mim.

Ela fez uma bagunça. Desfez minha cama e refez com lençóis limpos, colocou no lixo embalagens e bitucas de cigarro, encheu a geladeira e organizou o banheiro. Depois me deu um maço de Marlboro nas mãos:

– Não mais que isso, otário. Amanhã você sai e compra.

Agora está sentada. Me cheira.

– Está melhor – diz. – Perfume de almíscar branco.

Me sento ao lado dela.

– Não, querido. Agora cozinhe e me convide pra jantar. Não dei uma de empregada de graça.

No fim, preparei até o café.

– Como você tá? – me pergunta Patrizia Salvi.

– Agora melhor.

– Então escute. Foi feito o Conselho dos Docentes. Falamos apenas sobre você, naturalmente. Eu contei sobre aqueles três.

– Não deveria, eu havia prometido ao garoto...

– Eu sei, o diretor nos contou a conversa de vocês, mas eu não prometi ficar quieta a ninguém.

– O que você disse?

– Daqueles três no portão e da sua preocupação. Disse que pensava que você tinha em mente proteger o garoto de um grande problema.

– E eles?

– O diretor disse que eram apenas suposições minhas.

– Era droga, Patrizia.

– Eu entendi. Mas eu não vi mais nada, Gaspar, e você não me contou mais nada, apenas me disse “tudo tranquilo, depois te conto”. Eu confiei em você.

– Não confia mais?

– Vai tomar no cu. Claro que confio. Ninguém com um pouquinho de inteligência poderia pensar essas coisas sobre você.

– É, mas pensam.

– Se pensam, são idiotas.

– Sabe o que a Clô acha?

Patrizia levanta os olhos para o céu.

– Responda sozinho, Gaspar.

– Tem razão... Como terminou o Conselho?

– Eu saí batendo a porta, dizendo a todos que eram babacas e covardes, inclusive o diretor, que não tinham a coragem de defender alguém como você.

– Foi assim? – pergunto, sorrindo.

– Ah, finalmente sorriu. Sim, foi assim. Espero que estejam pensando nisso.

– E agora?

– Agora você vai na casa do Pavani. Já chamei ele, tá te esperando.

– Do Pavani?

– Calimero, você pode precisar de um advogado. Pensou nisso?

- Não, sinceramente, não.
- Ai, meu Deus. Precisa lutar, Gaspar, estão jogando seu nome na lama.
- Espero que não seja necessário. Espero que Jacopo conte tudo. Se não, significa que não entendi nada sobre esse garoto.
- Os estudantes não sabem de nada. Você está de licença por causa de problemas familiares, oficialmente.
- Problemas familiares? Mas sabem muito bem que vivo sozinho.
- Exato. Nenhum deles acreditou e fizeram um monte de perguntas. Cedo ou tarde vão ficar sabendo da história. Você deveria contar as coisas como elas são.
- Se não acreditam em você, imagina se vão acreditar em mim.
- Vão acreditar no garoto.
- Nele, sim.
- Desde que ele fale.
- Você vai ver que ele vai falar.

*

- Sem formalidades – diz Pavani. – Primeiro deve me dizer uma coisa: tem uma história com aquele garoto?
- Vai tomar no cu, Pavani. Não.
- Ok. Basta.
- Pensou que eu poderia ter?
- Nem por um minuto. Mas deveria te perguntar.
- Ah, menos mal.
- Me conta o que aconteceu.
- Eu conto. Ele não faz comentários, me escuta do começo ao fim.
- Você foi imprudente. O velho imbecil convencido que todos podem se redimir. Te adoro por isso.
- Não sei se é um elogio. Na dúvida, fico quieto.
- Resumindo: comprou a droga, sumiu com ela, tá arriscando uma denúncia por pedofilia... tudo pra manter uma promessa feita a Clô e uma outra feita a seu filho. Fantástico! Isto com certeza não é um elogio. Continuo quieto.
- No fundo, não cometeu nenhum crime, mas corre o risco de ser denunciado por pedofilia e isso seria um problemão. Tem certeza que o garoto vai contar a história da droga?
- Espero que sim.
- Esse “espero” não me tranquiliza.
- Tenho certeza que sim.
- De onde vem essa certeza, do fato que você ajudou ele?
- Do fato que ele é um garoto bom. É filho da Clô, Pavani.
- Você considerou que, se as coisas estão assim, é porque Clô acredita nesta história? Caso contrário, teria te procurado e pedido esclarecimentos, diretamente. Teria feito como eu fiz e como a Patrizia Salvi fez. Nem isso ela te perguntou.
- (Eu sei, Pavani, eu sei. No fundo, é isso que mais me machuca.)
- Entendi, Pavani. Ela fingiu que não estava quando a procurei – digo.

– Você procurou por ela?!? Bravo! Bom, pare de fazer isso, se não quiser levar também uma denúncia por *stalking*. Fique firme, Pinto, fique firme e não respire, ok? E nenhuma iniciativa de merda, tá bem?

– De acordo... Você tá me dando medo.

– Você não sabe o quanto as pessoas podem ser imbecis. Acha que sabe, mas não sabe de nada. Não quero te assustar, só quero te advertir.

– Ok.

– Te enfiaram na merda, Gaspar. Você deve sair limpo.

*

Peguei o carro e saí para ver o mar. Fui para Calasetta, na Spiaggia Grande. Estou sentado na areia, fumando e observando, de frente, a ilha.

Estive duas vezes em Carloforte: uma quando era criança com os meus pais, para passar o dia; uma vez com a Giulia, para passar a semana. Nunca mais voltei. Falavam em um dialeto puro e eu não entendia nada.

Giulia ria.

– Por que você se irrita?

– Porque não falam em italiano.

– É, mas a *focaccia* é muito boa.

A *focaccia* era realmente boa e Giulia se empanturrava com elas.

Naquela espelunca de casa que alugamos, ela me disse que estava grávida... e então perdeu o bebê.

Depois eu a perdi.

– Menos mal que você não tá mais aqui – penso, – foi poupada de tudo isso.

*

Eu me levanto de manhã. Café, um copo de leite e um pãozinho descongelado no microondas. Cocô. Ginástica em casa. Banho. Me visto e vou comprar o jornal que leio na praça, sentado em um banco. Leio tudo, até o obituário. Depois volto para casa. Almoço leve. Descanso. Outro banho. Outro café. Depois leio e estudo. Depois jantar e ver um pouco de televisão. Depois dormir.

Uma vez por semana, compras.

A cada três dias, falo com o Pavani.

Todos os dias o telefonema de Patrizia Salvi, que vem me visitar frequentemente. Não tem novidades. Espera.

Assim por um mês.

*

Uma manhã, o telefone toca. Estou lendo que uma mulher deslocou o tornozelo por causa de um cachorro e me pergunto se isso são notícias para escrever.

– Oi, Gaspar.

O diretor.

– Oi – eu digo, cauteloso.

– Tenho novidades. Pode vir aqui hoje de manhã?

Ele tem um tom jovial. Me vem em mente o seu “volte pra aula” e me encho de raiva.

– Sim, certo, mas não antes da uma e meia. Estou muito ocupado agora.

Sei que ele, ao meio dia, está regularmente em casa, não importa o que aconteça.

– Está bem – diz, um pouco ressentido. – Espero você.

Perfeito, diretor, me espere.

– O garoto contou cada detalhe. Levou uma bela bronca, sabe? Te meter em encrenca desse jeito!

– Ele não me meteu em encrenca – eu respondo.

Ele tosse.

– Foram presos?

– Quem?

– Aqueles três.

– Sim. Foram presos. Graças à denúncia do garoto.

– Bom.

– Me desculpe por aquilo que aconteceu, mas não dava pra fazer diferente. Entende?

– Entendo.

– É, pode voltar à escola com todas as honras.

– Não sei se volto, diretor.

– O que caralhos quer dizer com “não sei se volto”?

Patrizia me olha, de boca aberta.

– Quer dizer que tenho a intenção de ir embora. O que eu faço em uma escola onde todos pensaram que eu fosse um pedófilo?

– Não todos, Pinto. Eu não.

– Você não, mas você não é a escola.

– E nem os seus alunos. Quando a história se espalhou, nenhum deles acreditou. Eu sei.

– Tá falando sério?

– Tô falando sério. E eles são a escola.

(Droga, Patrizia, está fazendo eu me comover.)

– Vai renunciar sua vida por causa de meia dúzia de idiotas? Porque esta escola é a sua vida, Gaspar.

– Vou pensar – digo, depois de um longo silêncio.

– Não me abandone aqui sozinha – retoma, – preciso dos conselhos de um velhote.

– Não sou velho. Tenho só 50 anos.

Ela me olha.

– Esses anos te fizeram mal, então – e sorri. – Sabe que na 5ª série eu tinha uma enorme queda por você?

– Eu sei.

– Maldito, sabia disso e nem me dava bola. Ah, bom, tinha Clô naquela época. – Para de sorrir. – Desculpa, não queria ter dito isto.

- Posso te perguntar uma coisa? Pessoal.
- Claro.
- Por que nunca se casou?
- Nunca encontrei alguém estúpido o suficiente pra vir atrás de mim e, aqueles que encontrei, eram estúpidos demais.
- Estúpidos?
- É. Talvez eu ainda espere o estúpido certo.

Voltei para a sala de aula. Voltei. Quando entrei no primeiro ano, os alunos se levantaram e não me disseram “Bom dia”, me disseram “Bem-vindo de volta, prof”. Jacopo sorria, envergonhado.

- Agradeçam ao Scanu por isso. Ele teve coragem.
- Os meganha pegaram eles, sabia? – ele diz.
- Policiais – eu digo, – chame-os de policiais.
- Policiais, prof.
- Bom. Até onde chegaram com o cronograma?

*

Desço as escadas e caminho em direção aos portões.

– Oi, Pitty.

Ela veio até mim com a cabeça baixa.

– Oi, Clô.

– Vim pra te pedir desculpas.

– Apreciável da sua parte – eu digo.

– Fui uma idiota por pensar aquelas coisas sobre você.

– Não tem importância.

Ela me olha, surpresa. Tenta sorrir.

– Não me importa, Clô. Eu me importo com o Jacopo. Ele é um garoto incrível e é seu filho. Prometi a você que ajudaria ele. Fiz isso e vou continuar fazendo. Mas sobre você nada me importa. Você se move no ritmo dos babacas com quem namorou e com quem namora. Não hesitou em jogar merda pra cima de mim, sem me pedir uma explicação e sem aceitar esclarecimentos.

– Era meu filho que estava em jogo.

– Eu me preocupo com seu filho tanto quanto você. Devia saber disto.

Ela me olha, de modo hostil.

– Eu pensei que você fosse diferente. Capaz de compreender – ela diz, irritada.

– Eu compreendo, Clô. Não estou bravo com você. Apenas não te estimo mais.

Estou indo pela rua Gramsci, observando o céu. É um belo céu de primavera. “Se o tempo permanecer assim” penso “domingo vou a Carloforte para comer uma *focaccia*. Melhor, vou almoçar naquele restaurante à beira-mar, talvez ainda esteja lá... e vou perguntar se Patrizia gostaria de ir comigo... talvez ela não queira... mas vou perguntar a ela mesmo assim. Talvez o estúpido certo seja eu.

ANEXO B**Gaspare Puddu**

Uno

Mi chiamo Gaspare Puddu.

Non so se nel mondo ci sono altre persone che si chiamano Gaspare Puddu; non me ne vogliono, ma Gaspare Puddu è il nome più stupido che i miei genitori potessero pensare.

Se uno si chiama Robert De Niro o Francesco De Gregori o, almeno, Andrea Grimaldi ha la vita più facile. Ma uno che si chiama Gaspare Puddu cosa può fare? Già Puddu non è un granché ma, se ci metti davanti Gaspare, fa cagare.

Io andavo a scuola con bambini che si chiamavano Andrea, Roberto, Luca, Giulia, Laura, Valeria; alcuni, addirittura, Miriam e Eros.

Io Gaspare, perché mio nonno si chiamava Gaspare. Va bene, ma non era colpa mia! Io ero appena nato, anzi dovevo ancora nascere; di quali gravi colpe potevo essermi macchiato per avere un marchio del genere?

In prima elementare, primo giorno di scuola, primo appello, al nome "Puddu Gaspare" dissi "Presente" e sentii i risolini degli altri bambini e, intervallato, un sussurro "Gaspare... Gaspare...". Mi resi conto che partivo male, che col mio nome avrei dovuto dimostrare sempre qualcosa, che, solo per il mio nome, rischiavo di diventare

lo zimbello della classe.

Ci sono nomi che si salvano coi diminutivi. Annunziata diventa Anny: molto charme, fa classe. Antioco diventa Chicco: fa simpatia e tenerezza; chi si chiama Chicco non può che essere una brava persona... una gran bella persona. Liberata diventa Libby: esotico; se una Libby ha la pelle scura e gli occhi chiari è amata da tutti. Silvestro, che è decisamente duro salvare, può diventare Silver: Silver è toghissimo; fa un sacco figo.

Ma Gaspare come lo salvi? Gasp? Gasp? Gasparino?

Rino? Gas? NON LO SALVI. Non lo salverai mai.

Io sono rimasto Gaspare... finché non ho conosciuto Clo.

Fermo restando che il primo marchio che ti ritrovi addosso nella vita è il tuo nome, nei giorni che succedono al tuo primo giorno (l'unico in cui sei al centro dell'attenzione e che sarebbe una grande goduria se solo avessi la possibilità di esserne consapevole), nei giorni che si succedono nella tua vita arrivano tutti gli altri marchi, i bolli, i timbri e, a volte, le marchiature a fuoco, quelle che non vanno più via. Le marchiature a fuoco non sono mai 'OTTIMO PRODOTTO' o 'D.O.C.' o 'PREZIOSO'; sono 'PRODOTTO SCADENTE' o 'VELENO' o 'WANTED VIVO O MORTO'... o molto peggio.

Solo quando diventi adulto, (cioè quando cominci a dubitare che non diventerai mai una rockstar o un campione dello sport o un grande scrittore) ti rendi conto che essere considerato una brava persona è solo una proposizione incidentale inserita in un lungo periodo in cui sei definito 'UN PEZZO DI MERDA'... se ti va bene.

Ma sto divagando.

Ritorniamo a quando sei un giovane virgulto della società, la gioia di papà e mamma, il loro futuro e la loro speranza. Perché è allora che ti succede la cosa più importante della tua vita, quella che ti segnerà per sempre nel bene e nel male. Questa cosa si chiama EDUCAZIONE. Può essere buona o cattiva, può essere dolce o severa, può essere consapevole o inconsapevole, ma ti segnerà per la vita.

Io ho ricevuto un'educazione sfigata.

Tutti gli adulti sanno che nella vita, se non sei stronzo, vivi malissimo; lo sanno sulla loro pelle, lo sperimentano ogni giorno. Ma è raro che un genitore, al suo figlioletto tanto carino, prendendolo in braccio, gli dica “Amore di babbo, ti insegnerò ad essere stronzo.”

Forse adesso non è più così; vedendo certi bambini orribili che ti ronzano intorno, viene il dubbio che le cose siano cambiate. Ma ai miei tempi (cavolo, ho detto ai miei tempi, come mio padre) i bambini si educavano ad essere buoni, onesti, rispettosi, sinceri, capaci di sacrificarsi per un ideale.

Se ti chiami Gaspare Puddu e prendi alla lettera l'educazione che ricevi; se ti entra dentro, ti permea pelle, muscoli, ossa ed anima, quella che ricavi è una vita da coglione; perché un Gaspare Puddu non è credibile.

Mai.

Altro problema: l'ASPETTO.

Per avere successo nella vita, bisogna essere belli o, in ogni caso, piacere. Conosco uomini e donne oggettivamente brutti che piacciono perché hanno qualcosa di bello che sanno valorizzare.

Io, Gaspare Puddu, sono venuto su male. Da bambino ero basso, magro, con un viso poco interessante, colori scialbi, sorriso mesto e timido. Da adolescente sono diventato non alto ma lungo; sono rimasto magro, con muscoli indefinibili... con viso poco interessante, colori scialbi, sorriso mesto e timido... e naso lungo. Aggiungendo nome, educazione e un paio di occhiali su quel naso, si capiva benissimo sin da allora cosa ne sarebbe stato della mia vita.

Non ero diventato lo zimbello della classe perché ero talmente scialbo, nonostante il nome, che passavo inosservato.

Pavani Giuseppe, in prima elementare, si toglieva le caccole dal naso e si puliva le dita sul grembiule; aveva il fiocco sempre sciolto e spiegazzato ed il colletto di un colore indefinibile; faceva le puzze ed era balbuziente... e non imparava a leggere. Per tutti era lo zimbello; gli sparavano palline di carta con la Bic vuota, lo spintonavano e gli facevano il verso “Pa-pa-pavani Giu- giu-giu.”

I bambini non sono angeli. I bambini sono crudeli; ingenui ma crudeli; crudeli-sinceri. Da adulti diventano crudeli-stronzi.

A me dispiaceva per Pavani. Mi davano fastidio le puzze e le caccole sul grembiule, ma non glielo dicevo e non lo prendevo in giro per questo. Il maestro mi considerava un bravo bambino studioso. Lo mise nel banco con me. Io gli offrii un pezzo di panino alla ricreazione. Disse “Gra-gra- grazie”. Io diventai “Pu-pu-puddu Ga-ga-ga”. Lui, il mio primo amico.

Al liceo ero diventato l'adolescente che ho già detto.

Alcuni miei compagni di classe facevano girare le ragazze. Le ragazze si girano a guardare gli stronzi; più sono stronzi più sono attraenti, con poche eccezioni. Io mi giravo a guardare le ragazze che si giravano a guardare gli stronzi.

C'era chi era messo peggio di me; alcuni non li cagava proprio nessuno, come Pavani, ad esempio, sempre mio compagno di banco. A me cagavano un po' perché studiavo e potevo passare i compiti e suggerire e non mi sparavo le pose. Ma era un interesse interessato. Stavo in una media grigia, né figo né merda; medio appunto. Mi si considerava buono e gentile ma non interessavo a nessuno. Stavo prevalentemente solo. Mi chiamavo Gaspare Puddu.

Poi arrivò Clo.

*

Ricreazione. 3° liceo classico. Ottobre. Cortile. Io, solo, che combatto per accendere una delle mie prime sigarette, seduto su un muretto.

“Ciao. Ti dispiace se mi siedo qui?” Clo.

Io divento rosso. Diventavo sempre rosso; ha continuato per un pezzo e, ancora adesso, mi succede.

“Figurati” rispondo. 'Figurati' è la mia risposta standard; lo è sempre.

“Io sono Clo. Mi chiamo Clotilde, ma fa schifo; Clo almeno è passabile.”

“Gaspare.”

“Gaspare? Cavolo, sei messo peggio di me.” “Gaspare Puddu.”

“Noooo... pazzesco. Scusa, non volevo prenderti in giro” e sorride.

“Figurati. Non è colpa tua se mi chiamo così.”

“Non conosco nessuno. Mi sono trasferita quest'anno da un'altra scuola. Io sono in seconda.”

“Io in terza.”

“Lo so. L'hai accesa?” “Cosa?”

“La sigaretta.” “C'è vento.”

“Te l'accendo io.” Mi prende sigaretta e cerini e l'accende al primo colpo. Me la passa. Io aspiro e tossisco. Lei fa finta di niente.

“Mi fai fare un tiro?” Lei aspira e non tossisce.

Non parliamo; stiamo seduti lì a passarci la sigaretta. Lei mi sorride ogni tanto. Io, come mio solito, non so cosa dire. Vorrei dire qualcosa di interessante, come fanno gli stronzi che piacciono tanto alle ragazze, ma non sono proprio capace. La sigaretta finisce e anche la ricreazione. “Rientriamo” dice lei, “mi aspetta filosofia.”

“Noi abbiamo latino.”

Al portone va verso la sua classe. Io la guardo allontanarsi; lei si ferma e torna indietro.

“Ci vediamo all'uscita?” mi chiede.

“Ok” rispondo io e divento rosso. Lei ride. “Ok. A dopo, Puddy.”

“Puddy?”

“E' meglio di Gaspare Puddu. Non è il massimo, ma accontentati.”

“Chi-chi è la tipa che sta-stava con te a ricreazione?” “Si chiama Clo.”

“Carina.”

Si, Pavani. Carina forte. Piccola e bruna, coi capelli corti e gli occhi da gatta... e quando ride le vengono un sacco di rughette ai lati degli occhi che sono le migliori rughette che abbia mai visto. Si, Pavani; ma non esattamente carina; bella proprio. Bella, che me la vedo davanti agli occhi ancora adesso, mentre guardo la Pasquini che spiega Svetonio e non ci capisco niente e non vedo l'ora di finirla perché dopo c'è filosofia e poi si esce e ci vediamo all'uscita.

“Che strada fai?” mi domanda.

“Via Gramsci. Alle Poste salgo per Via Nuoro. Abito là.” “Bene. Anch'io sto da quelle parti; facciamo la stessa strada.”

Io ho le gambe lunghe, lei è piccolina. Io faccio un passo e lei ne fa tre.

“Puoi rallentare?” chiede dopo qualche minuto. Rallento, ma adesso vado troppo piano.

“Ohh senti; ti prendo a braccetto, così andiamo veloci uguali.” Infila il suo braccio nel mio gomito e ride. “Così va meglio” dice. Io non dico niente; il suo braccio sul mio fianco mi suscita sensazioni che preferisco tenere per me.

“Prima abitavo a Cagliari e studiavo al 'Dettori'; l'ambiente faceva schifo.”

“Perché?”

“Perché al 'Dettori' c'è un sacco di gente convinta che come lei non c'è nessuno.”

“Per questo hai cambiato scuola?”

“No. Sarei andata in un altro liceo di Cagliari; figurati se venivo a Carbonia per quattro ragazzi stronzi.”

“Certo. Ho fatto una domanda cretina; scusami.”

“Perché mi chiedi scusa?” Si ferma e mi guarda. “Mi hai fatto qualcosa di male?”

“No” dico io confuso.

“Allora non chiedere scusa” dice riprendendo a camminare. “Mio padre è stato trasferito per lavoro; per questo siamo qui.”

“Io ci abito da sempre” dico io.

“Mi piace il liceo, qui. Siamo pochi. Ci si conosce in fretta. Ho notato che ci sono degli stronzi, ma meno che a Cagliari.”

“Non so” rispondo, “gli stronzi sono dappertutto.”

“Se non hai frequentato gli ambienti della 'capitale', non puoi sapere a quale livello si può arrivare” dice ridendo.

Andiamo piano e ho l'impressione che lei rallenti apposta; ma sicuramente è solo una mia impressione.

“Chi è quel tipo basso che è sempre con te?” “Chi? Pavani?”

“Non so... balbetta.”

“Sì, Pavani. E' un mio amico. Ci conosciamo dalle elementari.”

“E' strano... guarda sempre a terra.”

“Quando era bambino era peggio. Lo prendevano sempre in giro, perché balbettava e... per altre cose; adesso balbetta pochissimo, a confronto.”

“Mi dispiace.”

“Credo di essere il suo unico amico.”

“Adesso ti dovrà dividere con me” dice lei e mi guarda negli occhi. Io inghiottisco saliva.

“Io abito qui” dice indicando una palazzina grigia.

“Oh” dico, “sei già arrivata.” Penso che non dovevo dire quel 'già' ma forse lei non l'ha notato.

“Ti dispiace che sono già arrivata?” fa lei sorridendo.

L'ha notato.

Sono con le spalle al muro. “Un po'” rispondo arrossendo.

Lei ride. “Domani passi a prendermi? Così andiamo a scuola insieme.”

“Va bene” dico io; mi sento le orecchie in fiamme. “Alle otto e un quarto... esattamente qui. Ok?” “Ok.”

“Ciao, allora. Buon pranzo” e va via.

Siamo diventati amici con Clo. Andiamo a scuola insieme tutte le mattine, stiamo insieme durante la ricreazione, torniamo a casa insieme. Qualche volta usciamo insieme; cioè lei, io e Pavani.

Pavani è un po' geloso; gli scoccia dividere il suo amico con una ragazza.

Io a Pavani voglio bene, ma che palle! E' sempre a mezzo!

“Senti, Clo mi piace molto.” “Sì vede.”

“Mi piacerebbe uscire una volta con lei.” “Ci stai u-uscendo già.”

“Intendo, solo con lei.”

“Ahh... si hai ragione... beh, fa-fammelo sapere quando vuoi u-uscire con lei.”

“Pensavo stasera.”

“Ah, ok. Non c'è pro-problema.” “Sicuro? Pensavo di invitarla al cinema.” “Al Centrale?”

“Sì.”

“Ok, ci vediamo lì. Alle sei va-va bene?”

Due

8.25: entro in classe. “Ciao” dico a tutti e a nessuno. Il brusio dei miei compagni si interrompe. Sistemò i libri sul banco e mi siedo accanto a Pavani.

“Sapete cosa si dice in giro?” domanda Corongiu nel silenzio. Nessuno fiata. “Si dice che Puddu ha una ragazza.”

“Ohh” di meraviglia prolungato di tutta la classe, poi silenzio.

“E sapete chi sarebbe?” Nessuno fiata. “La nuova della 2A: Clotilde Murgia.”

“Ohh” di meraviglia, poi silenzio.

“E' pure carina” riprende Corongiu, “ma è figlia di carabiniere... e forse anche cieca.”

Sghignazzo prolungato di tutta la classe. Poi silenzio.

Io sono stato a testa bassa per tutto il tempo. Pavani mi guarda imbarazzato. Mi sto incazzando... mi sto incazzando... mi sto incazzando... mi sono incazzato.

Mi alzo in piedi e mi giro da Corongiu; ma non faccio in tempo ad aprire bocca, perché lui mi precede.

“Ma una cosa Puddu non sa... Ha già un ragazzo.”

Rimango in piedi come un fesso, mentre cominciano i muggiti degli altri.

Poi il silenzio e “Buongiorno professore” in coro.

“Buongiorno” dice professor Sanna entrando. “Accomodatevi.”

Io rimango in piedi.

“Puddu, che succede? Hai una faccia...” “Gli è morto il gatto” dice Corongiu.

A Pavani ho detto che se ne stesse a casa quella sera, chiuso in camera. Lui non ha protestato.

Siamo in Via Gramsci; Clo mi trascina a vedere una vetrina dopo l'altra. Mi sta raccontando di quando, da bambina, si era arrampicata sul mobile di cucina a rubare biscotti e aveva fatto crollare tutto.

“Mi sono fatta un taglio sotto il ginocchio” e mi mostra la cicatrice ridendo.

Io sorrido e non so se dirglielo; in fondo siamo solo amici.

(Solo amici un cazzo... per me, non è così.) “Quando pensavi di dirmelo?” le domando serio. “Che cosa?”

“Che hai un ragazzo.”

“Non te l'ho detto?” chiede lei con la faccia meravigliata. “No.”

“E' tanto importante per te saperlo?” “Si.”

“Perché?”

Non doveva andare così il discorso; nei miei pensieri l'avevo immaginato tutto diverso. Adesso sono io quello messo alle strette. Io, alle strette, mi incasino.

“Perché... dimmi se è vero.”

“Puddy, vero cosa?” “Se hai un ragazzo.”

“Ti stai prendendo una cotta per me?” domanda lei, sorridendo.

(Certo che mi sto prendendo una cotta per te... mi hanno preso per il culo a sangue in classe per questo; ci sono rimasto come un cetriolo, quando Corongiu ha sparato la notizia.)

“No... volevo solo sapere” rispondo.

“Si, ce l'ho. Si chiama Stefano, ha 23 anni, vive a Cagliari. Il padre ha un'azienda e lui studia economia. La famiglia sta molto bene, come soldi dico, e lui è fighissimo.”

“Ti vuole bene?” “Si, molto.”

“E tu... gli vuoi bene tu?”

“Anch'io, certo. Mi piace un sacco... gioca a tennis... dovresti conoscerlo.”

(Dovrei conoscerlo? Dovrei andare a nascondermi per aver solo pensato che una come Clo potesse interessarsi a me. A me! Come potrei io competere con un campione simile: bello, ricco, fighissimo... ah, gioca anche a tennis; io non so giocare neanche a rubamazzo... il padre ha un'azienda... mio padre è operaio, cavolo.)

“Bene, adesso lo so” dico io.

Lei ride. “Per un attimo ho pensato che avevi scuffiato per me.”

“Noi siamo solo amici” la rassicuro. Mi bacia sulla guancia. “Sì. Amici.”

“Com'è andata?” “Pavani, lascia perdere.”

*

“Noi non dobbiamo scioperare. Non possiamo scioperare per solidarietà. Ci sono i sindacati per difendere i lavoratori. Noi dobbiamo studiare.”

E' un lecchino, Corongiu. Parla e guarda la Pasquini seduta in prima fila, che annuisce con la testa. Qualcuno fischia; io penso che ci siamo scelti un 'Rappresentante d'Istituto' di merda.

Chiedo la parola. Corongiu mi guarda meravigliato. Mi alzo in piedi.

“Ci sono ottanta operai che rischiano di perdere il lavoro. I dirigenti della fabbrica se ne fregano e i politici anche; io credo che sarebbe giusto scioperare. Che effetto vi farebbe sapere che da un giorno all'altro vostro padre viene licenziato? Vi piacerebbe?”

Qualche commento di approvazione. Mi giro intorno e vedo Clo che mi guarda.

“Mio padre è ingegnere” risponde Corongiu; “lui lavora e non lo perde il posto. E non mi interessa se quattro operai comunisti vanno a casa; imparino a lavorare.”

“Mio padre è operaio e sa lavorare” grido io; “e porta rispetto per chi non ha tanti soldi come te.”

Succede un mezzo casino. Clo si alza in piedi e mi applaude. Io mi sento un eroe.

La Pasquini si alza e va al fianco di Corongiu.

“Ragazzi” dice calma, “un po' di silenzio.” Lo ottiene. E' brava la Pasquini, è tosta. Sarà fascista, ma tanto di cappello.

“Ognuno di voi è libero di fare quello che vuole. Se vuole scioperare per solidarietà con quegli operai, sia. Noi, come corpo docente, ne dovremo tener conto però, soprattutto per quelli che quest'anno hanno l'esame di maturità.”

E' stronza la Pasquini. Brava, tosta, fascista e stronza.

Scioperiamo in quattro: io, Clo, Pavani ed una ragazzina di V° ginnasio, Patrizia Salvi. Rimaniamo fuori, mentre i restanti 180 studenti del Liceo Classico 'A. Gramsci' entrano regolarmente in classe; li guardiamo con aria di sfida, di rabbia e di smarrimento. Poi andiamo al corteo.

Il risultato è '10 giorni di sospensione con obbligo di frequenza' e '7 in condotta' sulla pagella del primo quadrimestre.

(Ok, siamo solo amici. Ma perché quando ti ho detto che mi dispiaceva per la tua sospensione, tu mi hai risposto “Puddy, con te in capo al mondo!” e mi hai baciato sulle labbra? Io sarò all'antica, ma un bacio sulle labbra è sempre un bacio sulle labbra... va bene, senza lingua, labbra chiuse... però...)

Pavani dice che secondo lui, se io insistessi un po', lei cambierebbe idea, cioè dice “Manderebbe a ca-cagare il fidanzato”; ma Pavani cosa ne sa di ragazze? Dovrei sentire il parere di uno stronzo, ma non ho amici stronzi, grazie a Dio... però mi servirebbe davvero.

Intanto, dopo lo sciopero, Patrizia Salvi mi fa gli occhi dolci; forse me li faceva anche prima, chissà. Mi saluta da lontano e diventa rossa quando le parlo. L'ha notato anche Clo, che mi prende in giro per questo.

“Ti sta guardando; dai, ti sta guardando.” “Smettila Clo.”

“Perché non la saluti?”

“Clo, ha quindici anni; è una bambina.” “Tanto bambina non mi sembra.” “Beh, ragazzina...”

“Dillo, che non la guardi perché hai occhi solo per me.” Divento rosso. “Smettila.”

“Ahh, sei diventato rosso. Ci sono riuscita anche stavolta.”

*

Siete mai stati a Carbonia d'estate? Beh, non ci venite. Carbonia, d'estate, è calda; tu puoi immaginare il caldo più insopportabile, ma non ci arrivi, perché Carbonia d'estate è molto più calda di ogni possibile pensiero di caldo. L'estate del mio esame di maturità si sudava soltanto ad aprire gli occhi.

Clo ha deciso che mi aiuta a studiare. Mi interroga in latino e storia, le materie che porterò all'esame; è severa e pignola. Mia madre ci sommerge di bibite e gelati; le è simpatica Clo. “Finalmente mi porti una ragazza in casa” dice. Ed io “Mamma, è fidanzata.” “Ma non è sposata”

risponde. Mio padre non dice niente; guarda la TV e beve orzata.

“Vorrei che ti bocciassero” mi dice Clo un pomeriggio. Ha la faccia seria.

“Cosa?”

“Sì, fatti bocciare. Così il prossimo anno siamo in classe insieme.”

“Non posso farlo, Clo.”

“Avresti il coraggio di lasciarmi un intero anno da sola?” “Beh, ma davvero lo vorresti?”

“Sto scherzando, scemo. Ci caschi sempre. Devi fare un esame da Dio: sessanta sessantesimi e il bacio della Pasquini!”

“L'avevo capito che scherzavi” bofonchio io, ma penso che non scherzava del tutto; non del tutto.

Gli scritti vanno lisci. Italiano, il tema che mi aspettavo.

Greco, Aristotele. Facile.

Il giorno degli orali, in prima fila ci sono la Pasquini, commissario interno, Clo, Pavani (brillante interrogazione il giorno prima, senza balbettare) e, in fondo all'aula, Patrizia Salvi.

“Puddu Gaspare.”

Mi siedo davanti alla commissione. Il Presidente, una tipa bassa, grassa, coi capelli biondo-cenere e due occhi bovini, controlla le carte.

“Ah, 7 in condotta al primo quadrimestre. Come mai?” “Uno sciopero” rispondo io.

“Per i riscaldamenti della scuola?” Era il motivo più comune di sciopero, d'inverno.

“No. Solidarietà verso operai licenziati. Abbiamo scioperato in quattro.”

“Complimenti per il coraggio.” “Grazie.”

“Parliamo di Apuleio?”

Parlo di Apuleio, poi di Petronio; mi tirano dentro Orazio ed io inizio a parlare della satira; poi si discute di metrica e alla fine dicono basta. Si passa alla storia e alla 'questione meridionale'; la finiamo a parlare di politica e mi metto a discutere a muso duro con tale 'professor Calistro' che mi gioco le palle che è democristiano... e anche mafioso.

“Va bene” dice alla fine la Presidente, “può bastare.” Mi alzo e lei mi stringe la mano “Complimenti, ottimo esame; aveva ragione la professoressa Pasquini sul suo conto.”

“Li hai fatti neri” dice Clo saltellandomi intorno. Siamo in cortile. Pavani sorride soddisfatto.

“Bravo Puddu.” La Pasquini si è avvicinata e mi tende la mano; gliela stringo. “Avrai sessanta e te lo sei meritato.” Poi mi bacia sulle guance e ritorna dentro, sorridendo.

“Hai visto” urla Clo; “cosa ti avevo detto?” e mi abbraccia.

Ai quadri. L'elenco dei nostri nomi, in ordine alfabetico: Pavani 54/60; Puddu 60/60.

Grande Pavani; sperava in un 40, lui. Sono felice più per lui che per me.

Si va a festeggiare al Bar Gaggy, come lo chiamiamo noi. Ecco una cosa da fare a Carbonia: andare al Bar Gaggy; il cappuccino che fanno lì è la fine del mondo; le paste, una goduria.

“Allora? Progetti per il futuro?” chiede Clo. “Io mi i-iscivo a Giurisprudenza” dice Pavani.

“Se vuoi fare l'avvocato, devi smetterla di balbettare” gli fa notare Clo.

“Ci riuscirò; sto già facendo molto esercizio.”

Lei gli sorride, materna. “E tu?” chiede a me “Non hai cambiato idea?”

“No. Farò Lettere Antiche con indirizzo archeologico.” “Dovrai andare a Roma. Sarà una spesa grossa.”

“Ho uno zio lì; andrò a stare da lui. Ha detto che mi ospita volentieri; in cambio vuole solo un po' d'aiuto in trattoria. Lui e la moglie hanno una piccola trattoria dove si mangia alla sarda; non hanno figli.”

“Quindi studierai e lavorerai?” “Credo di sì.”

“E non sarai in Sardegna per il mio ultimo anno al liceo” dice Clo, triste.

“Ti scriverò” prometto io.

Lei rimane con la faccia triste. “Non è la stessa cosa” dice.

“Dai, abbiamo ancora un'intera estate.”

“Lunedì vado a Cagliari, ospite dei genitori di Stefano.

Farò l'estate con loro, nella casa al mare.” Ora anch'io ho la faccia triste.

Pavani ci guarda e fa quello che ti aspetti da un amico. “Io devo andare. Offro io oggi. Statevene qui ancora un poco.” Si alza, va alla cassa e ci saluta con la mano, uscendo. (Pavani, hai imparato la discrezione in un solo anno scolastico!)

“Non c'è niente che ti trattiene qui?” chiede Clo.

E' una domanda diretta o quasi. Perché mi spaventano tanto le domande dirette?

“Speravo che ci fosse” rispondo. “Non c'è?”

“No... va a Cagliari.”

“Io sono fidanzata” si giustifica lei.

“Io mi sono innamorato di te” rispondo io e stento a credere di essere riuscito a dirlo.

Clo mi guarda e non sorride. “Lo so. Non avresti dovuto.”

“Non sono cose che si decidono.” “Io sono fidanzata.”

“Le cose possono cambiare, se si vuole cambiare.” “Io non voglio cambiare.”

“Certo” dico io, “lui è troppo giusto ed io faccio schifo.” “Non è questo.”

“E allora cos'è?” domando incazzato “L'impresa del padre? I suoi soldi? La casa al mare? Il tennis?”

Clo mi guarda con tristezza adesso. “Questo non dovevi dirlo.” Si alza.

La mia rabbia sbollisce in un amen. “Aspetta.” Mi alzo anch'io e siamo uno di fronte all'altra. Dovrei pronunciare una parola giusta, quella che serve in questo momento, ma non so qual'è. Sto zitto.

“Sei uno stronzo” dice lei alla fine e se ne va.

Le scrivo una lettera, a ottobre, da Roma. Non mi risponde.

Si diploma l'anno dopo.

Ho saputo da Pavani che si sposa...

... vaffanculo.

Tre

Dalla finestra guardo il cortile e i ragazzi che arrivano, come ogni mattina. Il cielo è sereno e gli eucalipti sono fermi; non si piegano al vento dei giorni scorsi. Oggi non c'è vento; è l'estate dei morti.

Sono uscito con la sola giacca indosso, quella vecchia giacca che Giulia, quando la vedeva, diceva sempre "Ma perché non la butti". Adesso non me lo dice più. Sono passati tre anni.

Mi sento invecchiato, oggi. Sarà che è vero, sarà che novembre mi mette tristezza. Il vetro riflette la mia immagine: un uomo stempiato, con gli occhiali ed una giacca blu; un uomo che voleva fare l'archeologo e che è finito ad insegnare latino e greco nel liceo dove ha studiato.

Suona la campanella ed entra in sala-professori, trafelata come al solito, Patrizia Salvi. "Ehi, collega. Ti sei incantato?" Insegna Storia dell'Arte ed è qui da un anno.

"Ciao, stavo pensando." "A cosa?"

"A come vanno le cose."

Mi si avvicina. "Le cose vanno come devono andare. Tu, adesso, devi andare in classe."

"Già" le sorrido e prendo i registri. "Buona giornata" le dico.

"Buona giornata anche a te" risponde.

L'archeologia costava troppo; lavorare gratis, un figlio di operaio non se lo poteva permettere. Quando mio padre, un giorno, è caduto in fabbrica con una mano sul petto ed è morto in un minuto, sono dovuto tornare.

Ho iniziato a fare supplenze, in giro per la Sardegna; poi, la cattedra di lettere al liceo.

Giulia l'ho conosciuta a casa di amici.

Alta e magra, con un viso dolce, faceva la pediatra, amava i bambini. E' stato un amore sereno, lento; forse non è stato amore come lo sognavo io, forse è stato appoggiarsi l'uno all'altra, ma era dolce lo stesso. Lei amava i bambini e non ne ha avuti, ma ci bastavamo. Siamo cresciuti insieme.

Quando si è ammalata, mi ha detto che le dispiaceva tanto, ma che sarebbe andata via presto e che io avrei dovuto continuare da solo.

"Ricordati di tutte le bollette, del condominio e di me" mi ha detto il giorno prima "e butta via quella giacca."

Non dimentico niente, da quando vivo da solo, ma la giacca non l'ho buttata.

*

In prima liceo c'è un ragazzo che mi dà pensieri. Si è trasferito quest'anno; è ripetente. Quanti ragazzi si trasferiscono, ormai; saltano da una scuola all'altra, seguendo i genitori ed il lavoro da inseguire. "C'è crisi" dicono tutti. Me ne accorgo anch'io, col mio stipendio sempre più stretto.

Si chiama Jacopo, questo ragazzo, Jacopo Scanu. E' piccolo, magrolino, con una faccia che a me sembra sempre smarrita. Lui in classe fa il duro e piace alle ragazze, ma non fa niente per piacere; sembra quasi che gli dia fastidio essere simpatico. Poi non studia.

Ne ho parlato con Patrizia Salvi. "O è stronzo e allora non ci possiamo fare niente o ha deciso di fare lo stronzo e allora, forse, lo possiamo aiutare" è stata la sua risposta lapidaria.

Adesso sto spiegando Catone e lui smanetta col cellulare. Mi giro le scatole.

"Scanu."

"Sì?"

"Hai finito?"

“Quasi” risponde continuando a smanettare. “Cellulari spenti durante le lezioni; è la regola.” “Era un messaggio importante.”

“Non era importante adesso.”

“Non me ne frega niente di Catone.”

“E a nessuno di noi, dei tuoi messaggi.” “Il latino è una stronzata” dice.

“Graecia capta, ferum victorem coepit et artes intulit agresti latio” rispondo.

Mi guarda smarrito; si aspettava le mie urla, si ritrova una citazione.

“Libera traduzione” continuo io: “la Grecia sconfitta, sconfisse il feroce vincitore e portò l'arte nel Lazio, pieno di cafoni.”

Mi guarda, spegne il cellulare e se lo mette in tasca. “Ok” dice di malavoglia; “scusi.”

'Uno a zero' penso io riprendendo la lezione; 'ma è solo l'inizio.'

*

“Che cosa farai per Natale?” “Non ho nessun programma.”

“Perché non vieni da noi qualche giorno? Lucia ed i ragazzi sarebbero contenti di averti qui.”

“Ci penserò.”

“Gaspate, dai. Non puoi stare da solo per Natale.” “Vi disturberei; non sono una bella compagnia.”

“Vaffanculo, muflone, inventane un'altra. La stanza degli ospiti è pronta; muovi le chiappe e vieni.”

Pavani è il mio amico di sempre. E' diventato avvocato, ha lo studio a Cagliari ed è pure bravo... e non balbetta più.

Ci vado per Natale, alla fine. Mi fanno una gran festa, tutti quanti. Porto un sacco di regali e finisco per sentirmi un vecchio zio tornato, per le Feste, a casa.

“Dovresti ricominciare a vivere” mi dice Pavani. Siamo in strada, dopo cena. Il suo cane punta ogni auto parcheggiata per pisciare sulle gomme, io mi fumo una sigaretta.

“Mi sento vecchio, Giuseppe.”

“Abbiamo 50 anni” dice lui; “non siamo ancora vecchi.” “Tu hai costruito tanto; sei un bravo avvocato, hai una bella famiglia. Io non ho fatto niente d'importante nella vita.”

“Il tuo lavoro è importante” mi dice lui.

“Insegnare latino e greco a dei ragazzi che se ne fottono?”

“Insegnare a dei ragazzi a pensare; anche se se ne fottono.”

*

I primi anni mi piaceva fare i 'colloqui' con i genitori; mi sembrava un momento importante. Parlando con Giulia, lo definivo 'il momento in cui la famiglia e la scuola si incontrano e collaborano insieme per il bene dei ragazzi'; lei diceva che ero un po' retorico; io rispondevo che quando parlava dei suoi piccoli pazienti mi ricordava il 'Libro Cuore'; lei rideva e mi toccava il naso con l'indice... era un suo gesto d'affetto che mi manca molto.

Col passare degli anni, le cose sono cambiate, i genitori sono cambiati o, forse, sono cambiato io. Adesso, fare i 'colloqui' mi sembra la cosa più inutile del mondo, come svuotare l'oceano con un cucchiaino.

“Sua figlia non studia molto, signora; è brava e sveglia, ma è distratta e sempre pensierosa. Possiamo aiutarla in qualche modo?”

“Che giudizio avrà?”

“Come?”

“Avrà la sufficienza?” “Sì.”

“Allora va bene; lei pensi a questo; i problemi di mia figlia non sono affari suoi.”

“Ignazio vorrebbe iscriversi a filosofia. E' una materia che l'affascina.”

“Ignazio farà ingegneria; non servono filosofi, non ci si guadagna. Mio figlio deve fare soldi, non deve perder tempo a parlare del sesso degli angeli.”

“Non ci sono i genitori di Mereu? E di Pillai? E di Vargiu?
Nessuno. Lei?”

“Io sono il padre di Serra.” “Prego si accomodi.”

“Lei è il professor Puddu, vero?” “Sì.”

“Non voglio parlare con lei, non mi interessa il latino e il greco. Voglio parlare col professore di Educazione Fisica. Perché non mette mio figlio in squadra? A basket è bravo mio figlio. Perché va sempre in panchina?”

... svuotare l'oceano con un cucchiaino...

Mancano cinque minuti, poi finirà questo tormento. Poi me ne vado a casa, accendo la TV e mi mangio una pizza.

“Ciao Puddy.” Clo.

So che è lei, anche se ho la testa china; la riconosco da quel Puddy che non sentivo da oltre trent'anni.

La guardo. E' lei. Sorride e vedo le rughette ai lati degli occhi che sono le migliori rughette che abbia mai visto; poi smette di sorridere e le rughette rimangono, perché il tempo è passato anche per lei. E' sempre tanto bella, però. “Clo” dico e mi alzo in piedi. Rivivo tutto in un lampo. Le stringo le mani e lei fa quella faccia da monella che le riesce tanto bene. “Che ci fai qui?”

“I colloqui, Puddy. Sono la mamma di Jacopo Scanu.”

Il bidello ci ha mandato via dicendo che l'orario dei colloqui era finito da un pezzo. Ci ritroviamo seduti al Bar Gaggy; lei prende un the, io, una bibita qualunque.

“L'ultima volta ci siamo visti qui” dico io. “Già; ci siamo lasciati piuttosto male.” “Le cose vanno come devono andare.”

“O come le facciamo andare noi... Allora, dimmi di Jacopo.”

“E' un ragazzo difficile, Clo. Stiamo forse ingranando adesso. Ha un'intelligenza pronta, è sveglio, ma si comporta come se volesse uccidere tutto quello che ha di buono. E si vede dagli occhi che ha del buono, dentro.”

Clo abbassa gli occhi e sta lì, a pensare. “Mi ha detto che vive coi nonni” continuo.

“Sì. Io mi trasferirò definitivamente il prossimo mese. Apriremo un negozio di abbigliamento con un'amica. Ritorno a Carbonia.”

“Ah” dico io. Nient'altro.

“E' colpa mia se Jacopo è così.”

“Che cosa è successo?... Se vuoi dirmelo.”

“E' successo che ho sbagliato tutto, Puddy. Il mio matrimonio è stato un fallimento. Forse ero troppo giovane, forse troppo stupida. Dopo che è nata Viola... Viola è mia figlia, sai, vive a Roma adesso... le cose sono andate male; Stefano ed io siamo diventati... Ti ricordi quando ti dicevo quanti stronzi ci sono nella 'capitale'?”

“Sì.”

“Ecco, noi siamo diventati così o forse lo siamo sempre stati ed io non mi accorgevo; lui ha cominciato a tradirmi ed io ho fatto altrettanto. Il matrimonio è diventato solo apparenza. Jacopo è stato il tentativo di aggiustare le cose... 'facciamo un figlio, per ricominciare'... stupido, vero?”

“Sì Clo, stupido.”

“Non abbiamo ricominciato niente. Ho pensato che fosse giusto restare insieme per Jacopo, finché non fosse cresciuto, ma è stato peggio; per lui è stato peggio. Mi sono separata un anno fa.”

“Mi dispiace.”

“Beh, ti ho raccontato la triste storia di Clo” dice lei con un debole sorriso.

“Cercherò di aiutare tuo figlio, te lo prometto.” “Grazie.”

“Figurati.”

Tornando a casa, penso che Clo non mi ha chiesto niente di me; penso anche che fare un figlio per aggiustare le cose non è solo stupido; è crudele.

“Prof?”

“Dimmi Scanu.” Mi ha chiamato 'prof' come fanno i suoi compagni; è la prima volta.

“Mia madre è stata ai colloqui, vero?” “Vero.”

“Mi ha detto che le ha parlato bene di me.” “Vero anche questo” rispondo.

“Perché? La faccio disperare sempre, in classe.”

“Perché sei un ragazzo in gamba, Scanu. Il problema tuo è che vuoi fare lo stronzo a tutti i costi, ma non lo sei.”

“Io sono quello che sono” risponde lui con aria di sfida. “Appunto. Ma sei anche l'unico a non averlo capito, quello che sei.”

Quattro

Ho ricevuto l'invito per l'inaugurazione del negozio di Clo. Ci sono andato ed ora sono pentito. C'è tutta la crema della città, cioè tutti gli stronzi. Clo è elegantissima in un abito blu e fa gli onori di casa con grazia; la sua amica, al confronto, sembra un lampadario. C'è anche un prete alto e grosso, sorride a denti stretti e mi sembra a suo agio come un pitale messo a centro-tavola. Mi avvicino. "Si sente come me?" chiedo.

"Odio queste situazioni" dice; "ci sono venuto per cortesia, ma scapperò appena possibile."

"Allergia alla crema?"

"La stessa che ha lei" sussurra. "Pensi che sono tornato dall'Africa dieci giorni fa. Lì ero Vanni e giravo a torso nudo; qui sono don Mereu e questo cavolo di colletto mi fa venire le bolle."

Clo mi chiama. "Buona fortuna" dico. "Anche a lei" risponde.

"Vieni un attimo fuori e offrirmi una sigaretta."

Siamo in strada e c'è freddo; mi tolgo la giacca e gliela metto sulle spalle.

"Ti volevo dire una cosa." "Dimmi."

"Jacopo non fa che parlare di te." "Dai."

"Sì. Prof qui, prof là... Puddu ha detto questo e quest'altro... Hai fatto breccia."

"Ho continuato a trattarlo come sempre." "Cioè?"

"Come uno che deve imparare a pensare." "Forse è per questo... Ti piace la festa?" "La festa? Oh sì."

Lei ride. "Sei venuto solo per me, ma scapperesti volentieri sul Monte Sirai, vero?"

"Ma dai, no... Da cosa l'hai capito?" "Ti si legge in faccia, scemo."

*

Quei tre tipi li ho già visti. Vengono qui ogni tanto; si piazzano ai cancelli, chiacchierano con i ragazzi alla ricreazione, poi vanno via. Ora chiacchierano con Jacopo; li noto per questo.

"Patrizia, vieni un attimo."

Si avvicina alla finestra. "Che c'è?" "Li conosci quelli?"

"Quelli che parlano con Scanu?" "Sì."

"Boh, non mi sembra."

"Li ho già visti qualche volta. Sempre lì." "Saranno fidanzati con qualche ragazza nostra."

"Può darsi, ma non so... non li ho visti con ragazze."

"Ti preoccupi perché parlano con Scanu, vero?" domanda lei.

"Mi preoccupa e basta."

Lei sospira "Quando c'è di mezzo il figlio di Clotilde Murgia, il professor Puddu si allerta subito..."

"Sapevo che l'avresti detto."

"L'ho detto perché è vero, signor 'Non so fare finta'." "Ma sei venuta per criticare?"

"Mi hai chiamato tu, vecchio barboglio... Dai, ci starò attenta anch'io; va bene così?"

"Sì, grazie."

"Bene Scanu, può bastare."

Scanu ritorna al banco. Mi ha parlato di Cesare e del 'De bello gallico' come se cantasse; sono meravigliato anch'io.

“Quanto gli ha dato, prof?” chiede Valeria Orrù. Si scioglie per Jacopo, quella ragazza.

“A te che interessa?” rispondo. E' sempre la stessa storia quando l'interrogazione di qualcuno va bene.

“Dai, quanto gli ha dato, prof?” chiedono tutti.

Sorrido. “Un voto ottimo” rispondo “e non saprete altro.” Ma Jacopo non sorride e tiene la testa bassa.

“C'è qualcosa che non va?” gli chiedo all'uscita, prendendolo in disparte.

“No prof, niente.” “Sicuro Scanu?”

Scuote la testa. “Niente che riguarda la scuola.” “In famiglia?”

“Non sono fatti suoi prof, mi scusi.”

Mi arrendo. “Certo, hai ragione.” Fa per andarsene e lo prendo per un braccio. “Se ti serve qualcosa o qualcuno, sai dove trovarmi” dico.

“Ok.”

Lo guardo allontanarsi e scuoto la testa. Poi vedo che la bidella mi sta fissando.

Sono ritornati quei tre tipi, in una settimana più volte, e sono di nuovo lì a parlare con Jacopo. Me li ha fatti notare Patrizia.

“Non mi piace, questa storia.” “Forse sono amici suoi” dice lei. “Ti sembrano amici?”

“No, sinceramente no.”

“Ieri ho corretto i compiti di greco. Scanu ha fatto uno schifo.”

“Non mi risulta che sia una cima, in greco scritto.”

“Ma non ha mai fatto una porcheria simile ed era un compito facile.”

“Tu stai pensando a qualcosa di molto brutto, vero?” “Sì Patrizia, a qualcosa di molto brutto.”

“Perché non ne parli con Clo o col preside?” “Voglio esserne sicuro, prima. Parlerò col ragazzo.”

Mi si avvicina e mi accarezza una guancia. “Vorrei essere brava come te, come insegnante.”

“Non prendermi a modello; non valgo tanto.” “Questo è sempre stato il tuo problema, collega.” “Quale?”

“Pensare di non valere nulla” mi dice uscendo.

Rimango alla finestra a guardare. Sono sempre lì e parlano fitto fitto. Poi vedo un gesto: due mani che si incontrano e Jacopo che mette in tasca qualcosa.

Ho un'ora libera. Pensavo di andare a fare spese, ma ho cambiato idea.

“Avanti.”

Apro la porta della classe.

“Ciao Mario. Buongiorno ragazzi.” “Che succede, Gaspare?”

“Dovrei rubarti Scanu per dieci minuti. Non devi spiegare niente oggi, no?”

“No, oggi interrogo.”

“Beh, se dovevi interrogare proprio Scanu, per oggi grazialo.”

“Avevo in mente di farlo, ma lo farò la prossima volta” risponde perplesso.

“Grazie prof, mi ha salvato” dice Jacopo chiudendo la porta. “Che cosa succede?”

“Andiamo in cortile” gli rispondo.

Ci sediamo sul muretto, vicino al campo di basket. “E' successo qualcosa?” domanda.

“Che cosa ti hanno dato?” Impallidisce. “Chi?”

“Che cosa ti hanno dato, Jacopo” ripeto.

Fa per alzarsi. “Non so di che cosa sta parlando.” “Non provarci nemmeno. Che cazzo hai in tasca?” “Non sono fatti suoi” urla.

“Sì che sono fatti miei, fesso. Sono fatti miei, di tua madre, della scuola e tuoi” urlo anch'io.

Sta per piangere, Jacopo. Ha gli occhi persi e non sa più cosa dire.

“Dammi qua” e stendo la mano. Lui infila la sua in tasca e tira fuori una bustina.

“Quanto l'hai pagata?”

“Non l'ho pagata. Mi hanno detto di venderla; mi avrebbero dato la mia parte.”

“Quanto costa?” chiedo. Me lo dice. Gli do i soldi. “Domani dici che l'hai venduta, che è la prima e l'ultima

volta, che soldi non ne vuoi. Ok?” Non risponde.

“Ok?”

“Ok.”

“Io sarò lì vicino. Non mi vedrai ma ci sarò, nel caso succeda qualcosa.”

“D'accordo.”

“Bene.” Lo faccio alzare. “Adesso si ritorna in classe, ma prima andiamo a buttare questa roba nel cesso.”

Va tutto come previsto. Guardo Jacopo che consegna i soldi, uno dei tre che dice qualcosa e Jacopo che fa 'no' con la testa; quello parla ancora, Jacopo dice “No” e il tizio lo spinge lontano. Poi se ne vanno, indifferenti.

Faccio un gran sospiro. 'Benedetto ragazzo' penso. Lo perdo un attimo poi lo vedo rientrare a scuola; la ricreazione non è ancora finita. Lo seguo e lo ritrovo seduto al suo posto, nell'aula deserta.

“E' andata, prof” mi dice.

Mi avvicino. “Mi spieghi perché hai fatto una cazzata così grande?”

“Non lo so” mi risponde.

“Cerca di scoprirlo in fretta, coglione.”

“Non lo dirà a mia madre, vero? Per favore.”

“Ti prometto che non lo dirò a nessuno, finché non troverai il coraggio di denunciarli, quei bastardi. Bada bene: la prossima volta non ti copro, chiaro?”

Si alza e viene verso di me. Poi fa una cosa che non mi aspetto; mi abbraccia forte e si mette a piangere.

Ci trovano così gli altri ragazzi e la Schiffini, l'insegnante di matematica. Io bofonchio una scusa.

*

Sono passati dieci giorni. Jacopo non ha detto niente a nessuno, ma gli do ancora tempo. Attraversando Via Gramsci vedo Clo poco distante; la saluto ma non mi vede. Penso che non posso raccontarle niente, se Jacopo non si decide.

Alla prima ora devo spiegare Virgilio in II°. Amo Virgilio, non tanto l'Eneide, ma le Bucoliche; sono fra le cose più belle mai scritte. Non faccio a tempo nemmeno ad iniziare.

“Professore, la vuole il Preside.”

“Grazie signora” dico alla bidella; ha una faccia strana da qualche giorno, la bidella. “Ragazzi, fate i bravi, eh? Torno subito.”

“Accomodati Gaspare.” Ci diamo del tu; ci conosciamo da tanti anni.
Mi siedo di fronte a lui.

“E' una questione un po' delicata.” “Dimmi.”

Tamburella sulla scrivania con le dita. Vedo che non sa come iniziare.

“E' successo qualcosa di grave?” domando.

“La cosa è... la cosa è... che la madre di un alunno è preoccupata per il figlio.”

Penso che Jacopo si sia deciso a parlare.

“Continua” dico io. “Questo ragazzo ha fatto qualcosa?” “Non esattamente. Diciamo che forse a questo ragazzo è stata fatta qualcosa; è minorenne.” “Non capisco.”

“Mi spiego meglio. La madre di questo ragazzo è preoccupata per le attenzioni che vengono rivolte a suo figlio... e, francamente, anch'io.”

Io lo guardo e continuo a non capire; non capisco soprattutto perché lo viene a dire a me.

“Vuoi dire che qualche adulto, a scuola, ha attenzioni particolari verso questo ragazzo?”

“Esattamente così. Tu non ne sai niente?” “No, ma mi sembra impossibile.”

“E' la madre di Jacopo Scanu ad essere preoccupata” dice “e l'adulto in questione sei tu.”

“Cosa?”

“Gaspare, mi è stato riferito che ti hanno visto spesso col ragazzo, voi due soli, in corridoio, al campo di basket, in cortile; vi hanno visto uscire insieme dal bagno e... e abbracciati in classe.”

“Tu stai scherzando, vero?”

“No. Hai qualche spiegazione, per tutto questo?”

“Certo che posso spiegarti” dico, “ma non adesso... E' una cosa che riguarda il ragazzo e gli ho promesso che non ne avrei parlato, finché non ne avesse parlato lui.”

“Capisco” dice con aria di sufficienza. “No, non capisci proprio niente.”

“Senti Gaspare. Ho dovuto convocare la madre e spiegargli i fatti.”

“Ma quali fatti?”

“Non interrompermi. Il ragazzo è minorenne e non deve essere coinvolto. La madre, per il momento non farà nessuna denuncia ed io cercherò di capirci qualcosa.”

“Denuncia?”

“Ti consiglio di prenderti un periodo di aspettativa. Da domani; ho già un supplente.”

“Hai già deciso tutto” dico atono.

“Non potevo fare diversamente. Ritorna pure in classe.” Mi alzo dalla sedia; mi devo appoggiare alla scrivania, perché mi gira un po' la testa.

“Tu ci credi a questa storia, vero?” gli domando. “Ritorna pure in classe, Gaspare.”

Dice solo questo.

Cinque

Non riesco più a dormire, Giulia. Mi metto a letto e continuo a pensare, a ricostruire ogni gesto ed ogni parola: la bidella che mi fissa, la Schiffini che entra in classe, Clo che non risponde al mio saluto.

Rivedo quella bustina scivolare nel cesso ed andare via con lo sciacquone e Jacopo che mi abbraccia e piange.

Ripeto tutto quel colloquio assurdo col preside, parola per parola.

Penso che sto sognando e che mi sveglierò e sarà una bella giornata e questo solo un incubo. Magari, quando mi sveglio ci sei anche tu e l'incubo, dopo tre anni, finisce.

Ho provato a chiamare Clo e non risponde. Le ho mandato un messaggio, inutilmente. Al negozio ho trovato solo la sua amica. Ho suonato al suo citofono e non mi ha aperto nessuno.

Adesso sono a casa da tre giorni. Non mi sono lavato; ho la barba lunga. Mi sono guardato allo specchio e faccio paura.

Penso che forse hanno ragione: sono malato nella testa.

Giulia, forse anche tu avresti paura di me, adesso.

Ho acceso la TV. C'è una televendita; un aggeggio che trita, grattugia, sminuzza qualunque cosa... mi ci farei sminuzzare il cervello per poi spargerlo al vento, sul mare. La televendita finisce e ricomincia più volte, sempre uguale; rimango a guardarla, seduto in poltrona; forse ho fame... forse ho una mela in frigo... forse.

*

Alle sette di sera squilla il campanello. Patrizia.

“Non fare il coglione. Fammi entrare o butto giù la porta.” Non ho forza per oppormi.

“Sei venuta a vedere il pedofilo?” chiedo.

“Senso dell'umorismo del cazzo” dice lei; “stai peggiorando collega.”

Ha quattro buste piene, appese alle mani. “Hai intenzione di aiutarmi o ti vuoi grattare ancora un po' il culo?” mi domanda spiccia. “Ti ho fatto la spesa; ho scommesso con me stessa che non hai nulla in casa.”

“Hai vinto un mongolino d'oro” dico io.

Spegne la TV e spalanca le finestre. “C'è puzza di merda e di fumo.”

Tira fuori da una busta un flacone di doccia-shampoo e un dentifricio. “Vatti a lavare che fai schifo.” Io ubbidisco.

“Anche i denti” mi urla dietro.

Ha fatto un casino. Mi ha disfatto il letto e l'ha rifatto con lenzuola pulite, ha buttato via cartacce e mozziconi di sigaretta, ha riempito il frigo e sistemato in bagno. Poi mi ha messo in mano un pacchetto di Marlboro “Non di più, stupido; domani esci e te le compri.”

Adesso si è seduta. Mi odora. “Va meglio” dice; “profumi di muschio bianco.”

Mi siedo accanto a lei. “No, caro. Adesso cucini e mi inviti a cena. Non ho fatto la sguattera gratis.”

Alla fine ho preparato anche il caffè.

“Come stai?” mi chiede Patrizia Salvi. “Adesso meglio.”

“Allora ascolta. C'è stato Consiglio dei Docenti. Si è parlato solo di te, naturalmente. Io ho raccontato dei tre tizi.”

“Non dovevi, io avevo promesso al ragazzo...”

“Lo so, il preside ci ha raccontato il vostro colloquio; ma io non ho promesso a nessuno di stare zitta.”

“Che cosa hai detto?”

“Dei tre al cancello e delle tue preoccupazioni. Ho detto che pensavo che tu avessi in mente di proteggere il ragazzo da un casino grosso.”

“E loro?”

“Il preside ha detto che erano solo mie supposizioni.” “Era droga, Patrizia.”

“L'ho capito. Ma io non ho visto altro, Gaspare, e tu non mi hai raccontato altro; mi hai detto solo 'tutto a posto, poi ti racconterò'. Io mi sono fidata di te.”

“Non ti fidi più?”

“Vaffanculo. Certo che mi fido. Nessuno con un po' di sale in zucca potrebbe pensare di te certe cose.”

“Beh, lo pensano.”

“Se lo pensano sono degli stronzi.” “Sai che cosa pensa Clo?”

Patrizia alza gli occhi al cielo. “Risponditi da solo, Gaspare.”

“Hai ragione... Com'è finito il Consiglio?”

“Me ne sono andata sbattendo la porta, dicendo a tutti che erano dei cazzoni e dei cagasotto, preside compreso, se non avevano il coraggio di difendere uno come te.”

“Così è andata?” chiedo sorridendo.

“Ah, sorridi finalmente. Sì, è andata così. Spero ci stiano pensando.”

“E adesso?”

“Adesso andrai da Pavani; l'ho già chiamato e ti aspetta.”

“Pavani?”

“Calimero, potresti aver bisogno di un avvocato; ci hai pensato?”

“No, sinceramente no.”

“Oddio. Devi combattere Gaspare; stanno coprendo di merda il tuo nome.”

“Spero che non ce ne sia bisogno. Spero che Jacopo racconti ogni cosa; se non lo fa, vuol dire che non ho capito niente di quel ragazzo.”

“Gli studenti sono all'oscuro di tutto. Tu sei in aspettativa per problemi familiari, ufficialmente.”

“Problemi familiari? Ma sanno benissimo che vivo da solo.”

“Appunto. Nessuno di loro ci ha creduto e fanno un sacco di domande. La storia uscirà fuori, prima o poi. Dovresti dire le cose come stanno.”

“Non hanno creduto a te; figurati se credono a me.” “Crederanno al ragazzo.”

“A lui sì.”

“Sempre che parli.” “Vedrai che parlerà.”

*

“Niente convenevoli” dice Pavani. “Prima mi devi dire una cosa: hai una storia con quel ragazzo?”

“Vaffanculo, Pavani. No.” “Ok. Mi basta.”

“Hai pensato che potessi averla?”

“Nemmeno per un minuto. Ma te lo dovevo chiedere.” “Ah, meno male.”

“Raccontami come sono andate le cose.”

Glielo racconto. Non fa commenti, mi ascolta fino alla fine.

“Sei stato imprudente. Il solito imbecille convinto che tutti si possono redimere; ti adoro, per questo.”

Non so se è un complimento; nel dubbio sto zitto. “Riassumendo: hai comprato droga, l'hai fatta sparire, stai rischiando una denuncia per pedofilia; tutto per mantenere una promessa fatta a Clo ed un'altra fatta a suo figlio. Fantastico!”

Questo sicuramente non è un complimento; continuo a stare zitto.

“In fondo non hai commesso nessun reato, ma la denuncia per pedofilia la stai rischiando e sarebbe un casino. Tu sei convinto che il ragazzo racconterà la storia della droga?”

“Spero di sì.”

“Questo 'spero' non mi tranquillizza.” “Sono convinto di sì.”

“Da dove viene questa convinzione, dal fatto che l'hai aiutato?”

“Dal fatto che è un ragazzo in gamba. E' figlio di Clo, Pavani.”

“Hai considerato che se le cose stanno così è perché Clo crede a questa storia? Altrimenti ti avrebbe cercato, ti avrebbe chiesto chiarimenti, direttamente. Avrebbe fatto come ho fatto io o come ha fatto Patrizia Salvi, che manco quelli ti ha chiesto.”

(Lo so Pavani, lo so; in fondo è questo che mi fa più male.)

“L'ho capito, Pavani. Si è negata, quando l'ho cercata” dico.

“L'hai cercata?! Bravo! Beh smetti di farlo, se non vuoi beccarti anche una denuncia per stalking. Stai fermo, Puddu, stai fermo e non respirare, ok? E niente iniziative del cazzo, va bene?”

“D'accordo... Mi stai mettendo paura.”

“Tu non lo sai quanto la gente può essere stronza. Credi di saperlo ma non sai niente. Non voglio spaventarti, voglio solo metterti in guardia.” “Ok.”

“Ti hanno infilato nella merda, Gaspere. Devi uscirne pulito.”

*

Ho preso la macchina e sono andato a vedere il mare. Sono andato a Calasetta, a 'Spiaggia Grande'. Sono seduto sulla sabbia, fumo e guardo l'isola di fronte.

A Carloforte ci sono stato due volte: una da ragazzino coi miei genitori, per una mezza giornata; una con Giulia, per una settimana. Non sono più tornato. Parlavano in dialetto stretto e non capivo niente.

Giulia rideva. “Perché t'incazzi?” “Perché non parlano in italiano.” “Sarà, ma la focaccia è buonissima.”

Era buona davvero la focaccia e Giulia se ne faceva scorpacciate.

In quel buco di casa che avevamo preso in affitto, mi ha detto che era incinta... poi il bambino l'ha perso.

Poi io ho perso lei.

“Meno male che non ci sei più” penso; “ti sei risparmiata tutto questo.”

*

Mi alzo al mattino. Caffè, un bicchiere di latte e un panino scongelato al microonde. Cacca. Ginnastica in casa.

Doccia. Mi vesto e vado a comprare il giornale che leggo in piazza, seduto su una panchina. Lo leggo tutto, anche i necrologi. Poi torno a casa. Pranzo leggero. Riposino. Altra doccia. Altro caffè. Poi leggo e studio. Poi cena e un po' di televisione. Poi a dormire.

Una volta la settimana la spesa.

Ogni tre giorni ci sentiamo con Pavani.
 Ogni giorno la telefonata di Patrizia Salvi, che spesso passa a trovarmi. Non ha novità.
 Si aspetta.
 Così per un mese.

*

Mi squilla il cellulare una mattina. Sto leggendo che una donna si è slogata una caviglia per colpa di un cane e mi sto domandando se sono notizie da scrivere.

“Ciao Gaspare.” Il preside. “Ciao” dico guardingo.

“Ci sono novità. Puoi passare da me stamane?” Ha un tono gioviale. Mi viene in mente il suo 'ritorna pure in classe' e mi monta la rabbia.

“Sì certo, ma non prima dell'una e mezza; sono molto impegnato adesso.” So che lui a mezzogiorno è regolarmente a casa, caschi il mondo.

“Va bene” dice un po' risentito. “Ti aspetto.” Bravo preside, aspettami.

“Il ragazzo ha raccontato ogni cosa. Si è preso una bella lavata di capo, sai. Metterti nei guai in questo modo!”

“Lui non mi ha messo nei guai” rispondo. Tossisce.

“Sono stati presi?” “Chi?”

“Quei tre.”

“Sì. Li hanno presi. Grazie alla denuncia del ragazzo.” “Bene.”

“Mi dispiace per quello che è successo; ma non si poteva fare altrimenti. Capisci?”

“Capisco.”

“Beh, puoi ritornare a scuola con tutti gli onori.” “Non so se torno, preside.”

“Che cazzo vuol dire 'non so se torno'?” Patrizia mi guarda a bocca aperta.

“Vuol dire che ho tutta l'intenzione di andarmene. Cosa ci faccio in una scuola dove tutti hanno pensato che fossi un pedofilo?”

“Non tutti, Puddu. Io no.”

“Tu no, ma tu non sei la scuola.”

“E neanche i tuoi alunni. Quando la storia è uscita fuori, non ci ha creduto nessuno di loro; io lo so.”

“Dici sul serio?”

“Dico sul serio e loro sono la scuola.”

(Cavolo, Patrizia, mi stai facendo commuovere.)

“Per quattro stronzi devi rinunciare alla tua vita? Perché questa scuola è la tua vita, Gaspare.”

“Ci penserò” dico dopo un lungo silenzio.

“Non mollarmi qui da sola” riprende; “ho bisogno dei consigli di un vecchio barboglio.”

“Non sono vecchio. Ho solo 50 anni.”

Mi guarda. “Te li porti male però” poi sorride. “Lo sai che in V° ginnasio avevo una cotta bestiale per te?”

“Lo so.”

“Bastardo, lo sapevi e non mi calcolavi. Ah, beh, c'era Clo, allora.” Smette di sorridere.

“Scusa, non avrei dovuto dirlo.”

“Posso chiederti una cosa? Personale.” “Certo.”

“Perché non ti sei mai sposata?”

“Non ho mai trovato uno abbastanza stupido da venirmi dietro e, quelli che ho trovato, lo erano troppo.”

“Stupidi?”

“Già. Forse io aspetto ancora lo stupido giusto.”

Ci sono tornato in classe. Ci sono tornato. Quando sono entrato in I° gli alunni si sono alzati in piedi e non mi hanno detto “Buongiorno”; mi hanno detto “Bentornato prof”. Jacopo sorrideva imbarazzato.

“Ringraziate Scanu per questo; ha avuto coraggio.” “Li hanno presi i caramba, lo sa?” dice lui. “Carabinieri” dico io; “chiamali carabinieri.” “Carabinieri, prof.”

“Bene. Dove siete arrivati col programma?”

*

Scendo dalle scale e mi avvio verso i cancelli.

“Ciao Puddy.” Mi è venuta incontro a testa bassa. “Ciao Clo.”

“Sono venuta a chiederti scusa.” “Apprezzabile da parte tua” dico.

“Sono stata una stronza a pensare di te quelle cose.” “Non ha importanza.”

Mi guarda sorpresa. Prova a sorridere.

“Non m'importa, Clo. M'importa di Jacopo; è un bravo ragazzo ed è tuo figlio. Ti ho promesso che l'avrei aiutato; l'ho fatto e continuerò a farlo. Ma di te non mi importa nulla. Tu ti muovi al ritmo degli stronzi che hai frequentato e che frequenti; non hai esitato a buttarmi merda addosso, senza chiedermi una spiegazione e senza accettare un chiarimento.”

“C'era in ballo mio figlio.”

“Ho a cuore tuo figlio quanto te; tu avresti dovuto saperlo.”


Mi guarda ostile. “Ti pensavo diverso; capace di comprendere” dice stizzita.

“Io comprendo, Clo. Non ce l'ho con te; solo che non ti stimo più.”

Sto andando verso Via Gramsci e guardo il cielo. E' un bel cielo di primavera. 'Se il tempo rimane così' penso 'domenica vado a Carloforte a mangiare la focaccia. Anzi, a pranzo in quel ristorante sul Lungomare, chissà se c'è ancora... e chiedo a Patrizia se vuole venire con me... magari non vuole... però glielo chiedo lo stesso. Forse sono io lo stupido giusto.'

ANEXO C ENQUETE NO TWITTER



beatriz 
@fdwgb

...

GENTE ME AJUDEM NUMA COISA

a miniserie "a casa das sete mulheres" era famosa no brasil inteiro?

sim

85%

nao, só no sul

15%

20 votos · Resultados finais

11:01 PM · 6 de jun de 2023 · **252** Visualizações



simm
@

...

simm, ouvi falar dela a vida inteira mesmo que nunca tenha assistido. talvez isso seja a minha experiência com mãe e avó noveleiras, mas qualquer mãe e avó noveleira no rio conhece a casa das sete mulheres então acho que é generalizado

11:06 PM · 6 de jun de 2023 · **87** Visualizações

ANEXO D AUTORIZAÇÃO DE USO DA OBRA

E-mail de autorização por parte do autor para o uso da sua obra.⁷

18/08/2023, 16:54

Gmail - Autorizzazione



Patricia Lima <patricialimarp@gmail.com>

Autorizzazione

1 mensagem

giovanni maurandi <giovannimaurandi@gmail.com>
Para: Patricia Lima <patricialimarp@gmail.com>

18 de agosto de 2023 às 14:07

Autorizzo Patricia Lima da Silva e Beatriz Giacomelli Kalife ad utilizzare i racconti "Buono bambino" e "Gaspare Puddu" da me scritti e pubblicati nel libro "AUATEKUNTU".

Giovanni Maurandi

⁷ “Autorizo Patricia Lima da Silva e Beatriz Giacomelli Kalife a utilizar os contos “Buono, bambino” e “Gaspare Puddu” por mim escritos e publicados no livro *AUETEKUNTU*” (tradução minha).